

Solidariedade:
A ABIA na
Virada do Milênio

Richard Parker e Veriano Terto Jr.
(Organizadores)

ABIA
Rio de Janeiro, 2001

Copyright © ABIA, 2001

Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS - ABIA

Rua da Candelária, 79/10º andar - Centro

Cep: 200091-020 - Rio de Janeiro - RJ

Telefone: (21) 2223-1040 Fax: (21) 2253-8495

E-mail: abia@ax.apc.org <http://www.alternex.com.br/~abia>

DIRETORIA: Diretor-Presidente: RICHARD PARKER

Diretora Vice-Presidente: SONIA CORRÊA

Secretário Geral: OTÁVIO CRUZ NETO

Tesoureiro: JOSÉ LOUREIRO

Coordenador Geral: VERIANO TERTO JR.

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Wilma Ferraz

TRATAMENTO DAS IMAGENS, CAPA E FOTOLITOS: A4 Mãos

APOIO: EED Evangelischer Entwicklungsdienst e V.

Fundação Ford

NSF - National Science Foundation

IMPRESSÃO: _____

TIRAGEM: 1.500 exemplares

Catologação na Fonte do Departamento Nacional do Livro

ISBN _____

Agradecimentos

Este texto é resultado de um projeto coletivo desenvolvido por antigos e atuais integrantes da ABIA, com o apoio de projetos financiados pela Evangelische Zentralstelle Entwicklungshilfe e. V. (EZE) e pela Fundação Ford. A iniciativa é parte de um esforço para contar a história da ABIA desde a sua fundação e registrar episódios, desafios, acertos e desacertos vividos pela instituição e que em suma fazem parte da história do movimento social da AIDS no Brasil. As entrevistas para levantamento da história da ABIA e a pesquisa em arquivos foram conduzidas por Charles Klein, também responsável pela elaboração da primeira versão deste texto. A coleta de informações complementares e as revisões foram efetuadas por Richard Parker, Jane Galvão e Veriano Terto Jr. Integrantes da equipe da ABIA – Juan Carlos de la Concepción Raxach, Cláudio Oliveira, Marta Torres, Aline Lopes e Wilma Ferraz – colaboraram na revisão e compilação dos apêndices. A ABIA gostaria de agradecer a todos que colaboraram neste projeto, mas em particular, a Cesar Behs, Miriam Ventura, Peter Fry, Silvia Ramos e Walter Almeida pelo generoso tempo dedicado às entrevistas e pelas idéias apresentadas.

Richard Parker
Veriano Terto Jr.

Abreviaturas e Siglas

AAAS: American Association for the Advancement of Science	GTPOS: Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual
ABF: Arbetarnas Bildnings Forbumb	HSH: Homens que Fazem Sexo com Homens
ABIA: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS	IAF: Inter-American Foundation
ABONG: Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais	IBASE: Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas
AHRTAG: Appropriate Health Resources and Technologies Action Group	ICASO: International Council of AIDS Service Organizations
AIDSCAP: AIDS Control and Prevention Project	ICCO: Organização Intereclesiástica para a Cooperação ao Desenvolvimento
ALIA: Associação Londrinense Interdisciplinar de AIDS	ICRW: International Center for Research on Women
ARCA: Apoio Religioso Contra a AIDS	IIAF: International Interdisciplinary AIDS Foundation
ARHN: AIDS and Reproductive Health Network	IMS: Instituto de Medicina Social
CAFOD: Catholic Fund for Overseas Development	INAMPS: Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social
CCR: Comissão de Cidadania e Reprodução	ISER: Instituto de Estudos da Religião
CEPIA: Cidadania, Estudo, Pesquisa, Investigação e Ação	LACCASO: Latin American and Caribbean Council of AIDS Service Organizations
CREMERJ: Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro	MISEREOR: MISEREOR Katholische Zentralstelle für Entwicklungshilfe e V.
CUT: Central Única dos Trabalhadores	NIMH - National Institute of Mental Health
ECOS: Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana	NSF - National Science Foundation
EZE: Evangelische Zentralstelle Entwicklungshilfe e. V. (atualmente se chama EED Evangelischer Entwicklungsdienst e V.)	OMS: Organização Mundial de Saúde
FINEP: Financiadora de Estudos e Projetos	ONG: Organização Não-Governamental
FUNDAÇÃO MacARTHUR: John D. and Catherine T. MacArthur Foundation	OPAS: Organização Pan-Americana de Saúde
GAPA: Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS	PGA: Programa Global de AIDS
GAPC: Global AIDS Policy Coalition	RNP+: Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS
GIV: Grupo de Incentivo à Vida	SCIAF: Scottish Catholic International AID Fund
GRAB: Grupo de Resistência Asa Branca	UERJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro
GRUPO PELA VIDDA: Valorização, Integração e Dignidade do Doente de AIDS	UNAIDS: Joint United Nations Programme on HIV/AIDS
	USAID: United States Agency for International Development

Sumário

7	APRESENTAÇÃO <i>Richard Parker e Veriano Terto Jr.</i>
11	A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA INTERDISCIPLINAR DE AIDS: UM HISTÓRICO INSTITUCIONAL <i>Charles Klein, Jane Galvão, Veriano Terto Jr. e Richard Parker</i>
13	1984–1986: A Formação da ABIA
21	1987–1991: Consolidação e Crise
47	1992–1995: Crescimento e Retração
69	1996–Até o Presente: Redefinição

ANEXOS

91	Programa Institucional da ABIA: Objetivos e Trabalhos (2000-2003)
103	Projetos em Execução e/ou Tramitação na ABIA no Período 2000-2003
113	Publicações
115	➤ <i>Livros</i>
122	➤ <i>Boletim ABIA</i>
132	➤ <i>Boletim Ação Anti-AIDS</i>
140	➤ <i>Material Educativo</i>



Apresentação

Solidariedade: a ABIA na virada do milênio é uma das primeiras realizações do projeto **Movimentos Sociais e HIV/AIDS no Brasil**, que a ABIA vem desenvolvendo, desde 2000, em colaboração com a Escola de Saúde Pública da Universidade de Columbia, de Nova York. Esse projeto conta com apoio da National Science Foundation, dos Estados Unidos, e pretende documentar e analisar a criação das respostas do movimento social organizado aos desafios impostos pelo HIV/AIDS à sociedade brasileira.

Como ponto de partida para esse objetivo maior e comemorando o aniversário de 15 anos da ABIA, esta publicação apresenta a história da instituição. Contudo, entendemos que a sua trajetória se insere num conjunto mais amplo de respostas criadas a partir da sociedade civil, assim como numa rede de acontecimentos, fatores, sucessos e fracassos que caracterizam a história da AIDS no Brasil, os quais, inclusive, vêm sendo contados em publicações similares produzidas por outras ONGs/AIDS.

Por isso, em *Solidariedade: a ABIA na virada do milênio*, não pretendemos contar a história definitiva da ABIA. Outras publicações e estudos, em diferentes medidas, também vêm analisando o papel da ABIA nas respostas contra a AIDS nos últimos anos. A história aqui apresentada diz respeito mais aos modos como a ABIA se consolidou como instituição, abordando os processos internos da dinâmica institucional e apresentando as diversas fases, acontecimentos e desafios que marcaram sua trajetória. O objetivo principal desta publicação é interpretar essa trajetória institucional dentro do contexto mais amplo – histórico, social e político – das respostas à AIDS no Brasil ao longo das duas primeiras décadas da epidemia.

É claro que diversas outras narrativas poderiam ser contadas sobre os mesmos fatos e sobre a mesma trajetória. Uma outra narrativa poderia ser escrita, por exemplo, privilegiando a análise sobre o impacto e as contribuições da ABIA

no conjunto das respostas à epidemia no Brasil. Acreditamos, porém, que tal empreitada teria de ser escrita por autores que não fossem membros da instituição e que tivessem o distanciamento necessário para essa tarefa. A história aqui contada é certamente muito mais íntima e subjetiva; é uma tentativa de entender a nossa própria história para que possamos pensar melhor sobre os rumos do futuro. No entanto, os autores de ***Solidariedade: a ABIA na virada do milênio*** são colaboradores de longa data da instituição: Charles Klein (um antropólogo norte-americano que pesquisa as respostas sociais à AIDS no Brasil e que é um antigo colaborador da ABIA), Jane Galvão (ex-coordenadora geral da ABIA), Veriano Terto Jr. (atualmente no cargo de coordenador geral da ABIA) e Richard Parker (atualmente o diretor-presidente da ABIA).

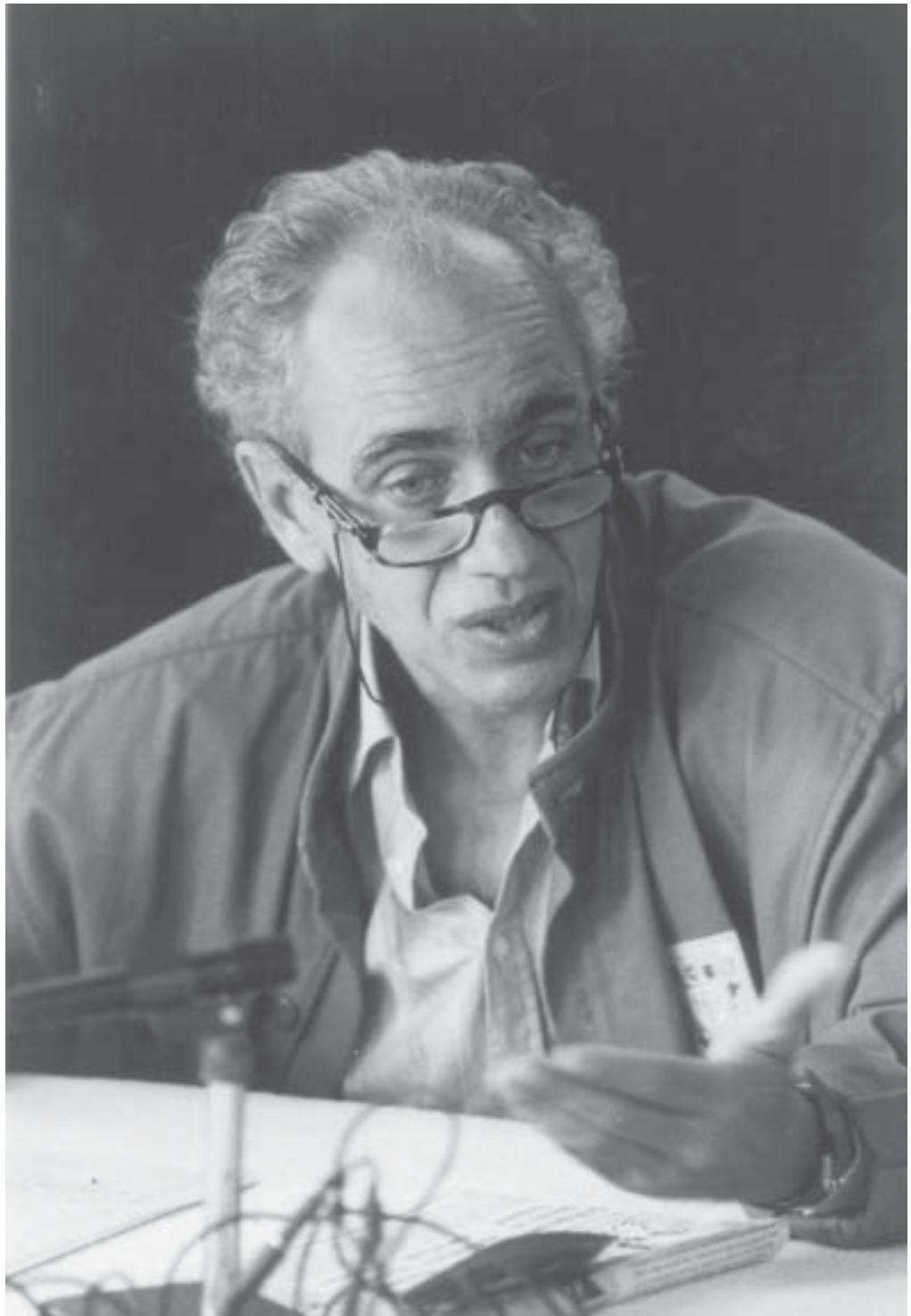
Outra história da ABIA já está registrada nos diversos materiais produzidos pela instituição. Neles, estão expressos pensamentos, opiniões e análises sobre diferentes aspectos da epidemia nos últimos 15 anos e que foram tantas vezes objetos de discussão em seminários, oficinas e debates organizados pela ABIA e registrados em textos publicados em livros, fascículos, apostilas, materiais educativos de diversos formatos etc. Para facilitar o caminho de quem possa se interessar nessa área, uma parte importante desses materiais está incluída e sistematizada, na medida do possível, nos diversos anexos desta publicação. Todo esse material encontra-se organizado e disponível para consulta no Centro de Documentação da ABIA.

Brevemente, esperamos divulgar outras realizações do projeto **Movimentos Sociais e HIV/AIDS no Brasil**. Num momento em que tanto o presente quanto o futuro apresentam tantas interrogações, pode ser interessante rever as lições do passado para encontrar novos caminhos e respostas. Esperamos que a ABIA possa participar ativamente no enfrentamento dos desafios - presentes e futuros - impostos pela epidemia de HIV/AIDS.

Por último, mas não menos importante, agradecemos a todos que, nos últimos anos, direta e indiretamente, acreditaram no trabalho da ABIA e, em especial, àqueles que estiveram envolvidos na produção desta publicação.

Richard Parker
Diretor-Presidente


Veriano Terto Jr.
Coordenador Geral



Herbert de Souza "Betinho" (1935-1997)

A Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS: Um Histórico Institucional

*CHARLES KLEIN¹, JANE GALVÃO²,
VERLANO TERTO JR.³ E RICHARD PARKER⁴*

 histórico institucional da ABIA, apresentado a seguir, é dividido em quatro seções:

- I. 1984–1986: a formação da ABIA
- II. 1987–1991: consolidação e crise
- III. 1992–1995: crescimento e retração
- IV. 1996 – até o presente: redefinição

Cada uma das seções contém uma narrativa cronológica, apresentando os eventos mais importantes ocorridos durante o período em questão. As seções II, III e IV incluem também subseções que detalham as principais linhas de atividades da ABIA: mobilização política e políticas públicas; iniciativas de prevenção; pesquisa, publicações e gerenciamento da informação; e articulações internacionais. O histórico se encerra com algumas reflexões a respeito dos possíveis rumos a serem seguidos pela ABIA.

1984–1986: A Formação da ABIA

A história da ABIA tem origem no começo da década de 80 e gira em torno das trajetórias de dois de seus fundadores, o antropólogo Herbert de Souza (Betinho) e o médico Walter Almeida, os quais, desde o início, viram-se comprometidos com a epidemia brasileira de HIV/AIDS: Betinho – assim como seus dois irmãos, o cartunista Henfil e o músico Chico Mário, que acabaram falecendo em decorrência da AIDS na década de 80 – porque era hemofílico e, portanto, potencialmente mais vulnerável à misteriosa doença, e Walter Almeida porque estava tratando de vários pacientes com AIDS. No entanto, a idéia original de formar o que viria a se tornar conhecido como ABIA surgiu, pela primeira vez, ao início de 1985, depois que Walter Almeida realizou uma viagem aos Estados Unidos para participar de uma reunião da American Association for the Advancement of Science (AAAS) e obter maiores informações sobre a AIDS. Durante a sua permanência nos EUA, Almeida soube da criação da International Interdisciplinary AIDS Foundation (IIAF) e refletiu que aquele tipo de colaboração internacional relativa à AIDS era extremamente necessária ao Brasil, ao qual voltou, logo depois, com a idéia de criar uma espécie de ramificação brasileira da IIAF. Ao mesmo tempo em que Almeida participava de conferências científicas relacionadas à AIDS nos EUA e vislumbrava a criação de uma Fundação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, a doença começava a passar de uma preocupação abstrata a uma realidade devastadora entre os hemofílicos no Rio de Janeiro.



Foi esta mesma preocupação com a comunidade hemofílica que ajudou a inserir a AIDS na agenda política de Betinho. Na melhor tradição do seu envolvimento de longa data com uma política de oposição e com o desenvolvimento de movimentos sociais, a visão de Betinho sobre uma organização de combate à AIDS envolvia a aproximação de importantes líderes e movimentos sociais que, por seu turno, mobilizassem as suas bases em torno das várias dimensões da epidemia de HIV/AIDS. A partir de 1985, Betinho convidou médicos, pesquisadores e representantes de movimentos sociais para discutirem questões relativas à AIDS no Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (IBASE), por ele fundado e dirigido. Uma das primeiras pessoas a participar regularmente dessas reuniões foi Walter Almeida, que havia sido colocado em contato com Betinho através de Álvaro Matida, médico epidemiologista da Secretaria de Saúde do Estado do Rio de Janeiro, que participou de todas as reuniões iniciais. Compondo o núcleo daquilo que viria a se transformar na ABIA, estavam Hélio Gelli Pereira e Marguerite Scoti Pereira, dois pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz. Em 1985 e,

Homenagem a Chico Mário no ano do seu falecimento (1949-1988).

principalmente, em 1986, essas reuniões se ampliaram em tamanho e passaram a atrair importantes líderes de movimentos sociais progressistas, como o advogado Nilo Batista, da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB); bispo Dom Mauro Morelli; o antropólogo Rubem Cesar Fernandes, do Instituto de Estudos da Religião (ISER); médicos e cientistas como o Walber Vieira, doutor em medicina de clínica geral, e o Bernardo Galvão, da Fundação Oswaldo Cruz; representantes de entidades e grupos diversos como a Cruz Vermelha e o grupo *gay* Atobá; e o antropólogo inglês Peter Fry, então representante da Fundação Ford no Brasil. Finalmente, uma outra participante da maior importância foi Silvia Ramos, cientista política anteriormente ligada à área legal, encaminhada ao núcleo por Betinho através de um “contrato de risco”, mediante o qual ela concordava em coordenar a institucionalização do grupo sob o entendimento de que, uma vez obtidos fundos externos para a sua atuação, ela se tornaria diretora-executiva em tempo integral e devidamente remunerada.

Reunindo esse núcleo de trabalho, havia o carisma de Betinho e a idéia – original na época – de que a AIDS não era apenas uma doença e uma questão de saúde, mas também um

Como hemofílico posso morrer com Aids

■ **Herbert de Souza, 51, sociólogo, hemofílico, presidente da Fundação Interdisciplinar de Aids:**

“A sociedade em geral tem problemas com sexo, com moral e com a morte. Quando uma doença toca os três problemas ao mesmo tempo, ela é letal. Portanto, quem tiver medo de sexo, quem tiver medo da morte e quem tiver problemas com a moral diante da Aids vai entrar em pânico. Para mim, a Aids é uma doença ainda sem vacina nem cura e estatisticamente fatal, acomete jovens e se transmite basicamente por via sexual e sangue. Na via sexual, transmite-se basicamente pela relação anal. Localizar a questão no grupo de homossexuais é ignorar o fato de que milhões de casais heterossexuais têm relação anal. Mas o meu interesse mais pessoal é a questão do sangue. Estou no grupo de risco porque sou hemofílico.

No caso do sangue existe um problema de crime político. Internacionalmente o sangue foi transformado em comércio por aquiescência dos poderes públicos. A grande responsabilidade, portanto, pela promiscuidade do sangue, não só no caso da Aids, mas da malária, da doença de Chagas, etc, é pública, é do governo. Responsabilizo todos os governos passados e presentes, porque esse é um reconhecimento científico, concreto, e este é um campo em que o governo pode realmente fazer coisas. O governo pode proibir a comercialização do sangue, impedir que as transfusões sejam feitas sem teste e sem critérios, e fazer com que todas as doações sejam controladas.

Se eu vier a morrer de Aids - é uma hipótese, por estar no grupo de risco - eu quero processar o Estado. Se eu pudesse já processar em vida seria melhor, porque eu poderia gozar o que me resta de vida com o dinheiro do Estado, cúmplice na minha morte. Mas me revolta morrer de Aids, por absoluta falta de providências do governo. Não sou só eu, mas são também os meus dois irmãos hemofílicos e mais 600 ou 800 hemofílicos no Rio de Janeiro. A taxa de contaminação de hemofílicos no Rio é de 95%! E além do mais 20% destes 95% vão morrer! Por isso, não posso tomar distância ou deixar de ser emocional.

problema fundamentalmente político e cultural que requeria respostas de vários setores da sociedade. Esses dois aspectos específicos marcaram a singularidade da ABIA em relação as demais organizações não-governamentais voltadas para a AIDS (ONGs/AIDS), que se criaram no Brasil na década de 80 e início da de 90. Além disso, a já conhecida presença política de Betinho proporcionou à ABIA um nível de acesso aos órgãos de comunicação e políticos incomparável, em relação a outras ONGs/AIDS brasileiras. E, enquanto a maior parte das ONGs/AIDS brasileiras haviam sido formadas para atender às necessidades diretas de pessoas com HIV/AIDS e envolviam a participação ativa de vários indivíduos soropositivos, nenhum dos primeiros colaboradores da ABIA era soropositivo, à exceção de Betinho, que descobriu estar infectado em 1986. Como resultado, em lugar de dirigir as suas energias para atender às realidades mais imediatas da experiência direta com HIV/AIDS, Betinho e esse grupo de líderes políticos progressistas bem posicionados voltaram a sua atenção para a omissão governamental, a situação criminosa do sistema brasileiro de sangue, à falta de informação de qualidade sobre HIV/AIDS e à violação dos direitos civis daqueles que vivem com HIV/AIDS.

No decorrer de 1986, o núcleo estudou várias estruturas organizacionais para o grupo que tencionava estabelecer. Inicialmente, consideraram a idéia de Almeida de criar uma ramificação brasileira da IIAF, porém logo descartada em virtude das complicações legais envolvidas no estabelecimento de uma fundação. O núcleo decidiu, então, que seria mais prático formar uma associação, o que seria logisticamente mais simples de conseguir, e concordou-se que a organização receberia a denominação de Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA). Esse nome reflete a convicção de Betinho de que a luta contra a epidemia de AIDS clamava por uma abordagem multissetorial e interdisciplinar. Embora a decisão de estabelecer a ABIA como instituição formal e legal houvesse sido tomada ao final de 1986, somente em 1987 é que teve início a sua existência legal – o seu estatuto foi registrado no dia 10 de abril de 1987, e a sua primeira reunião deliberativa oficial na data de 23 de junho de 1987. Essa defasagem de tempo deveu-se a uma série de atrasos por parte dos advogados voluntários, que tiveram de reunir todos os documentos necessários para a legalização do novo grupo. Em virtude disso, e como freqüentemente ocorre na formação de ONGs, torna-se difícil precisar o momento exato de início da ABIA. No entanto,

aqueles que participaram de sua formação concordam que, para efeitos práticos, a ABIA passou a existir ao final de 1986.

O estatuto da ABIA de 1987 reflete as estratégias políticas e interdisciplinares do seu núcleo fundador. De acordo com o Artigo 2º:

O objetivo da associação é promover o desenvolvimento de atividades sociais e científicas voltadas para a prevenção e o combate à Síndrome da Deficiência Imunológica Adquirida (AIDS), tais como estudos, pesquisas e projetos socioeconômicos, estudos sociopolíticos, formação de banco de dados, gerenciamento e interpretação de dados, preparo e divulgação de estudos e relatórios, boletins e publicações, por parte da própria organização ou através de terceiros e outras atividades pertinentes a esse objetivo organizacional.

Parágrafo Único – Para alcançar esse objetivo a associação estabelecerá contratos, acordos e intercâmbio de programas com entidades, organizações, órgãos públicos ou privados, e fundações e sociedades nacionais e estrangeiras.

Do ponto de vista organizacional, estabeleceu-se um Conselho Diretor, tendo Betinho como diretor-presidente, Hélio Gelli Pereira como diretor-vice-presidente, e Walter Almeida como secretário-geral. Estabeleceu-se também um Conselho Fiscal composto por Álvaro Matida, Sílvia Ramos e José Perdigão di Cavalcanti, sendo que, entre os demais membros do Conselho, encontravam-se vários daqueles que haviam participado do núcleo de reuniões realizadas no IBASE em 1985 e 1986.

Como demonstra esse estatuto, a ABIA, desde o seu início, foi criada para se tornar uma organização multidimensional profissionalizada semelhante a outras grandes ONGs, tais como o IBASE e o ISER. Essa profissionalização, por seu turno, exigia um fluxo de financiamentos substancial para permitir tais atividades e os altos níveis de infra-estrutura requeridos. Assim, uma das tarefas fundamentais da ABIA, ao final de 1986, principalmente para Sílvia Ramos e Walter Almeida, foi a de obter financiamentos para o grupo recém-formado. Atuando no escritório de Betinho no IBASE, e, por vezes, num restaurante das redondezas, Sílvia Ramos e Walter Almeida dedicaram

grande parte de suas atividades à criação da infra-estrutura institucional da ABIA. Esses esforços logo frutificaram, e, em 1987, a ABIA recebeu aproximadamente US\$ 5 mil do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS), financiamento facilitado pela relação de Betinho com o seu diretor na época, Hésio Cordeiro. Tais financiamentos permitiram que a ABIA alugasse como escritório uma pequena casa defronte ao IBASE, em Botafogo (Rua Vicente Souza, 24), contratasse um contínuo e um responsável pela limpeza, e obtivesse o seu próprio telefone e máquina de escrever. Além disso, pela proximidade e devido às boas relações, a recém-criada ABIA podia utilizar a infra-estrutura (telefone, computadores, material de escritório etc.) do IBASE e, também, receber empréstimos do instituto, quando necessário.

Pouco depois, a ABIA obteve um segundo financiamento da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), bem mais vultoso, de, aproximadamente, US\$ 100 a 200 mil (como o financiamento foi pago em cruzeiros durante um período de alta inflação, torna-se difícil precisar o seu valor em dólares), para a criação de um banco de dados e centro de informações sobre AIDS na ABIA. Uma vez mais, os contatos pessoais foram da maior importância na obtenção do financiamento – nesse caso, Sílvia Ramos conhecia Reinaldo Guimarães, presidente da FINEP no período,

porque ambos haviam morado no mesmo prédio. Sílvia Ramos articulou uma reunião entre Reinaldo Guimarães, Betinho e ela própria, na qual Betinho não pediu propriamente dinheiro a Reinaldo Guimarães, mas lhe disse que a FINEP deveria financiar o trabalho relacionado à AIDS. O apelo de Betinho foi bem sucedido, em parte, devido a uma combinação do impacto de seu carisma, sua condição de “vítima” múltipla (como antigo exilado, hemofílico e, mais recentemente, como soropositivo por causa da máfia do sangue) e de sua capacidade de passar a idéia de que trabalhar no combate à AIDS era não somente uma atitude extremamente nobre como também necessária, devido à falta de informação e ação governamental em resposta à epidemia.



as coisas que ore o sangue



Charge de Henfil
publicada no Jornal
Última Hora, 31/06/88.

O financiamento da FINEP permitiu que a ABIA criasse uma infra-estrutura tecnológica de última geração em 1987. A maior parte do dinheiro foi destinada à compra de computadores, e contratou-se uma empresa de consultoria para montar um banco de dados sobre AIDS, dirigido pela ABIA, nas instalações do IBASE. Essa iniciativa de se criar um centro de análise de dados sobre AIDS, que, posteriormente, mostrou-se mal-sucedida, foi amplamente noticiada nos meios de comunicação locais e serviu para marcar a presença pública da ABIA. Como parte desses esforços, no sentido de se criar um centro de computação de dados, estabeleceu-se uma linha dedicada do IBASE até à ABIA, do outro lado da rua, permitindo a esta o acesso a redes de computação internacionais, a serviços de informações e aos precursores do correio eletrônico. E os fundos provenientes da FINEP também permitiram à ABIA adquirir as suas próprias linhas telefônicas e pagar o salário de Silvia Ramos.

Os financiamentos do INAMPS e da FINEP auxiliaram a institucionalização da ABIA. Porém, foi somente por meio de um terceiro financiamento, da Fundação Ford, em 1987, que a ABIA adquiriu uma infra-estrutura verdadeiramente sólida. Como já mencionado, Peter Fry – o qual vivera no Brasil por muitos anos e desempenhara um papel de liderança nos primórdios do movimento *gay* em São Paulo e

Rio de Janeiro – era, então, o representante da Fundação Ford no Brasil e havia participado das discussões do núcleo inicial em 1985 e 1986; além disso, era membro do primeiro Conselho Diretor da ABIA. Durante o período de redemocratização da sociedade brasileira, a Fundação Ford interessou-se em restabelecer ligações com o setor não-governamental que ressurgia e tentava trabalhar com ONGs que poderiam influenciar o Estado através de empenho e/ou projetos. Reconhecendo a gravidade da epidemia brasileira de HIV/AIDS, Fry deu início a um trabalho de articulação entre a ABIA (e outros grupos brasileiros voltados para a AIDS, como o GAPA/SP e o GAPA/RJ) e a sede da Fundação na cidade de Nova York, com a finalidade de desenvolver projetos relacionados à AIDS no Brasil que a Ford

pudesse financiar. Tais articulações se mostraram bem-sucedidas, e, em 1987, a Ford concedeu à ABIA o montante de US\$ 50 mil, que constituiu um dos primeiros financiamentos – se não o primeiro – em AIDS da Fundação Ford em qualquer parte do mundo. Em 1988, houve um novo financiamento, ainda mais elevado, no valor total de US\$ 267 mil, ao longo de dois anos, que propiciou apoio institucional básico à ABIA e que, efetivamente, conseguiu cobrir a estruturação organizacional da ABIA.

O componente institucional desse financiamento da Ford permitiu que a ABIA contratasse diversos profissionais qualificados, a salários de mercado, e que fossem cobertos os custos operacionais do cotidiano pertinentes a uma associação profissionalizada. De igual importância na definição do estilo e objetivos operacionais da ABIA – uma das características mais marcantes – foi o projeto de pesquisa denominado “Impacto Social da AIDS no Brasil”, que era um segundo componente do financiamento da Ford. Com a sua atenção voltada para a compreensão da epidemiologia social do HIV/AIDS no Brasil, o projeto Impacto Social da AIDS no Brasil ampliou a ênfase da ABIA, de problemas como qualidade do sangue e ausência de ação governamental, para questões mais amplas como sexualidade e sexo. Vistos em conjunto, os componentes institucional e de pesquisa do financiamento da Ford fizeram com que a ABIA desenvolvesse o perfil básico que possui até hoje, exceto por algumas pequenas modificações: um projeto político multifacetado que combina ativismo e envolvimento em políticas públicas, produção de material e iniciativas educacionais, pesquisa sociocientífica, publicações, desenvolvimento de redes e gerenciamento e divulgação da informação.

1987–1991: Consolidação e Crise

*A*o final de 1987, os financiamentos da FINEP e da Ford haviam permitido a consolidação da ABIA como uma ONG profissionalizada, possuidora de tecnologia da informação de última geração. Essa infra-estrutura estável e uma equipe de trabalho profissionalizada colocaram a ABIA em uma excelente posição para receber financiamentos adicionais na medida em que outras agências internacionais de cooperação começavam a custear, ao final da década de 80 e início da de 90, programas relacionados à AIDS. Enfrentando os desafios impostos por uma epidemia que crescia rapidamente, a ABIA lançou-se ativamente na busca dessas novas oportunidades de financiamento e, ao longo de 1988 e 1989, recebeu consideráveis quantias da Inter-American Foundation/IAF (Estados Unidos) e da Appropriate Health Resources and Technologies Action Group/AHRTAG (Reino Unido), bem como financiamentos menores, de 1989 a 1991, do Catholic Fund for Overseas Development/CAFOD (Reino Unido), Misereor (Alemanha), ABF-Stockholm (Suécia) e OXFAM (Reino Unido), continuando também a receber apoio da Fundação Ford. Dessa maneira, o orçamento da ABIA cresceu de 0 dólares, no início de 1987, para cerca de US\$ 500 mil por ano, de 1988 a 1990.

Em 1987 e 1988, a responsabilidade da administração da ABIA dividia-se entre Walter Almeida e Silvia Ramos, a qual ocupou a posição de Diretor

Geral em tempo integral, com remuneração, e era responsável pela operação do cotidiano do grupo, bem como pelo desenvolvimento e implementação dos projetos. Para ajudá-la, Silvia Ramos tinha, como assistente, Ranulfo Cardoso Jr., médico que iniciou o seu envolvimento com a ABIA como voluntário em trabalho vinculado a produção de material educacional e que, posteriormente, obtido o financiamento da Fundação Ford, tornou-se membro remunerado da equipe da ABIA, em tempo integral. Walter Almeida, Secretário-Geral da Diretoria Executiva da ABIA, trabalhava meio expediente e se concentrava, primordialmente, na obtenção de financiamentos e formação de redes nos níveis local, nacional e internacional. Betinho – Presidente da ABIA e também a pessoa mais associada à entidade pelos meios de comunicação e pelo público em geral – não participava da administração do cotidiano do grupo, embora desempenhasse papel fundamental nas atividades políticas da ABIA. Ao se integrar à ABIA, em 1988, como parte do projeto “Impacto Social da AIDS”, o escritor e ativista *gay* Herbert Daniel rapidamente assumiu a liderança do grupo, e seu carisma pessoal e sua visão política moldaram profundamente a ABIA ao final da década de 80 e início da de 90. Em 1989, Flávio Wiik, integrante do IBASE e especializado em problemas vinculados a jovens de rua, e, pouco depois, Veriano Terto Jr., psicólogo que havia, recentemente, defendido sua dissertação de mestrado sobre a questão da homossexualidade, foram também contratados para trabalhar em tempo integral na ABIA, em um variado número de projetos cujos financiamentos haviam sido recém-obtidos. Essa considerável expansão institucional fez com que a ABIA se visse diante da necessidade de ocupar instalações mais amplas do que as de Botafogo, e, em março de 1989, a sede foi transferida para uma elegante casa do Jardim Botânico, bairro da Zona Sul e de difícil acesso. Essa mudança veio firmar a imagem da ABIA como organização de elite, voltada para a informação, comunicação e pesquisa.

MOBILIZAÇÃO POLÍTICA E POLÍTICAS PÚBLICAS

Nos anos de 1987 e 1988, as questões relacionadas à qualidade do sangue disponível nos bancos de sangue do país dominavam as atividades políticas da ABIA. O interesse da ABIA pelo sangue não era apenas devido à hemofilia de Betinho; a reforma da notória indústria do comércio do sangue no Brasil já fazia parte da agenda política da reforma sanitária há algum tempo, e vários



Cláudio Mesquita com
colaboradores e amigos
na sede da ABIA no
Jardim Botânico, 1989.

membros do núcleo formador da ABIA e do Conselho Diretor eram conhecidos sanitaristas. No decorrer de 1987 e principalmente em 1988, a conexão sangue/AIDS transformou-se em uma questão política nacional, com cobertura regular nos meios de comunicação. Nessas discussões, Betinho, a equipe da ABIA e membros de seu Conselho Diretor surgiram como principais porta-vozes da população nos meios de comunicação e foram articuladores de uma união de caráter nacional organizada em torno da questão do sangue. O fato da ABIA encontrar-se em condições de participar da organização de uma mobilização política nacional em torno do sangue era, em parte, resultado de acidente histórico, pois a epidemia de HIV/AIDS coincidiu com a mobilização política nacional que envolvia a redemocratização e a elaboração de uma nova constituição brasileira em 1988. Ao ligar o problema do sangue e o processo de redemocratização, a ABIA e seus aliados passavam não somente a contar com uma questão de importância prática imediata que repercutia junto ao povo brasileiro (“salve o sangue do povo brasileiro” foi o



Foto: Jaime J. Silva

Campanha contra a comercialização do sangue no Brasil. Brasília, 1988.

slogan mais marcante da campanha), como também com inimigos (a máfia do sangue e o Estado, cuja negligência permitia a sua existência) e um objetivo concreto (a proibição da comercialização do sangue e seus produtos na nova constituição). Com a inclusão dessa proibição na constituição de 1988, a ABIA e o ativismo brasileiro de combate à AIDS alcançaram uma de suas maiores vitórias políticas.

Com o passar do tempo, mostrou-se ser muito mais difícil para a ABIA formar coalizões e movimentos em bases tão amplas relacionados a outras questões envolvendo o HIV/AIDS, muitas das quais giravam em torno de problemas bem menos fáceis de resolver tais como a sexualidade, o sexo e o uso de drogas, que nem a esquerda brasileira nem o público pareciam estar prontos a enfrentar. No entanto, no decorrer do final da década de 80 e início da de 90, a ABIA denunciou, agressivamente, a inexistência de programas e políticas governamentais efetivas de combate à AIDS, principalmente por parte do Programa Nacional de AIDS em nível federal. Em suas confrontações com o Estado e seus representantes – principalmente Lair Guerra de Macedo Rodrigues e Eduardo Côrtes, que coordenaram o Programa Nacional de AIDS de 1985 a 1990, e de 1991 a 1992, respectivamente –, a ABIA utilizava amplamente a comunicação de massa, com Betinho, Herbert Daniel e outros membros de sua equipe defendendo a cidadania de pessoas soropositivas e doentes de AIDS, criticando as iniciativas educacionais do Estado em relação ao HIV/AIDS e da recusa do Estado quanto ao pagamento de tratamentos relacionados ao HIV/AIDS, como, por exemplo, o AZT. Contra isso, a ABIA propunha a solidariedade como solução básica para atender às várias necessidades suscitadas pela epidemia. Essa constante exposição nos meios de comunicação servia para posicionar a ABIA como especialista e militante de renome nacional nas questões vinculadas ao HIV/AIDS. O confronto da ABIA com o Estado se estendia também aos foros governamentais, tais como a Comissão Nacional de AIDS, da qual a ABIA (na pessoa de Walter Almeida) era representante oficial. E, sempre que possível – em reuniões nacionais das ONGs/AIDS, atividades do Dia Internacional da AIDS, eventos para levantamento de fundos –, a ABIA desafiava diretamente o Estado para que ele assumisse a sua responsabilidade na luta contra a AIDS.

Um outro canal através do qual a ABIA atuava sobre as políticas públicas era constituído pelas atividades profissionais e políticas de seu Conselho Diretor. Walber Vieira, por exemplo, foi o fundador da Câmara Técnica do Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro (CREMERJ) e colaborou na politização de questões relacionadas ao HIV/AIDS, incluindo sangue e direitos humanos, no âmbito do conselho. Da mesma maneira, Nilo Batista, quando se tornou Secretário de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, auxiliou na mudança de atitudes e práticas dentro do sistema legal do Rio de

Janeiro. E, a partir de 1989, com a sua indicação como advogada da ABIA e membro do Conselho, a advogada de direitos humanos Miriam Ventura trabalhou incessantemente no sentido de divulgar o conhecimento sobre as dimensões legais e de direitos humanos relacionadas ao HIV/AIDS, e, através do Grupo Pela VIDDIA/RJ, entrou com ações legais a favor de pessoas soropositivas que haviam sofrido discriminação ou haviam sido infectadas através de transfusões de sangue.

O papel da ABIA como facilitadora e articuladora de uma rede nacional ampliou-se em direção às políticas e círculos ativistas internacionais relacionados à AIDS. Várias dessas conexões internacionais centralizavam-se ao redor de Walter Almeida, que atuava através de seu já existente envolvimento com as comunidades médica e científica, anterior à epidemia de HIV/AIDS, e incrementava relações mantidas com agências de cooperação internacional e organizações intergovernamentais, como a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). Essas relações auxiliaram a ABIA a receber financiamentos de agências internacionais e permitiram-lhe tornar-se peça fundamental nas questões ligadas às políticas relativas à AIDS, além de estabelecer relações de trabalho com algumas das mais poderosas figuras vinculadas à política e à normatização da AIDS no cenário internacional, entre as quais Jonathan Mann, do Programa Global de AIDS (PGA) da OMS, que fazia coro com a ABIA em suas críticas à apatia e à atuação negativa do governo federal brasileiro em relação à epidemia de HIV/AIDS.

A participação da ABIA em redes internacionais ligadas à AIDS, por sua vez, estimulou o seu envolvimento na organização política na esfera nacional. Esse vínculo entre as redes nacionais e internacionais tornou-se particularmente evidente na V Conferência Internacional de AIDS, realizada em Montreal, em 1989, e na reunião paralela a essa conferência, realizada por ONGs, denominada “Oportunidades de solidariedade”. Através das ligações de Walter Almeida e Betinho, a ABIA recebeu um considerável financiamento da IAF, entre outras coisas para facilitar a rede de organizações voltadas para a AIDS na América Latina. Com parte desse financiamento, a ABIA selecionou e financiou organizações e ativistas da área da AIDS em toda a América Latina para participarem da conferência de Montreal, e vários brasileiros – entre os quais Herbert Daniel e Silvia Ramos, da ABIA; Rodolfo Skarda, do grupo *gay* Atobá; Paulo Bonfim do GAPA-SP; Jane Galvão, do

ARCA/ISER; entre outros – tiveram a oportunidade de participar dos eventos realizados naquela cidade. No caso da conferência “Oportunidades de Solidariedade”, a ABIA atuou como co-patrocinadora e principal articuladora do ICASO e da sua divisão regional para a América Latina, o LACCASO. O espírito de ativismo e o clima de possibilidades políticas de Montreal serviram de inspiração para a equipe da ABIA e para outros ativistas brasileiros presentes na conferência, os quais, de volta ao Brasil, renovaram o seu compromisso de criar uma rede nacional brasileira de solidariedade à AIDS.

A ABIA foi uma das principais responsáveis pelo resultado obtido nos esforços para tentar estabelecer uma Rede Brasileira de Solidariedade à AIDS, em 1989 e 1990, tanto em termos de apresentar uma plataforma política bem desenvolvida para o emergente movimento brasileiro em torno da AIDS, como de prover apoio organizacional e financeiro para as duas conferências nacionais de AIDS, durante as quais a Rede foi amplamente discutida. Em Porto Alegre, em 1989, a formação da Rede de Solidariedade Brasileira era quase iminente, e os participantes da conferência esboçaram e lançaram dois documentos embrionários – *Princípios da Rede Brasileira de Solidariedade* e *Declaração dos Direitos Fundamentais das Pessoas Vivendo com o Vírus da AIDS*. No entanto, por ocasião da conferência nacional que se seguiu, em 1990, na cidade de Santos/SP, o espírito de solidariedade, ação e otimismo que caracterizava o encontro de Porto Alegre havia sido substituído por desconfiança, espírito crescente de competição e, em certos casos, até mesmo por hostilidade. Diferenças entre os participantes deram ensejo a notadas divisões, principalmente entre os assim chamados grupos “políticos” (dentre os quais a ABIA ocupava lugar de destaque) e os “assistencialistas” (organizações de cunho mais assistencial), e, também, entre grupos que trabalhavam apenas com HIV/AIDS e organizações cujo trabalho incluía mas não se limitava ao HIV/AIDS, como, por exemplo, organizações voltadas para os direitos dos *gays* e trabalhadores do sexo. Essas divisões estruturais foram exacerbadas pela aversão pessoal entre Herbert Daniel e vários líderes de outros movimentos. Nessas divergências, a ABIA e outras organizações mais voltadas para a prevenção eram as vezes vistas, por parte de algumas organizações assistencialistas voltadas para a AIDS, como elitista, ditatorial e monopolizadora do movimento brasileiro de luta contra a AIDS, ao passo que a ABIA e as outras organizações mais politizadas questionavam a visão política de vários daqueles grupos assistencialistas em seu trabalho de combate à AIDS.

Rede Brasileira de Solidariedade (ONGs/AIDS)
Porto Alegre Outubro de 1989

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS DA PESSOA PORTADORA DO VÍRUS DA AIDS

Considerando

que a AIDS, do ponto de vista da medicina, é uma doença como as outras;
que a AIDS é uma epidemia mundial e é preciso um esforço coletivo mundial para debê-la;
que não existe perigo de contágio de AIDS exceto através das relações sexuais,
de transfusão sanguínea e da passagem da mãe ao feto ou bebê;
que do ponto de vista planetário é a Humanidade que se encontra soropositiva, não existindo uma "minoria" de doentes;
que contra o pânico, os preconceitos e a discriminação a prática da solidariedade é essencial.

Proclamamos que

- 1** Todas as pessoas têm direito à informação clara, exata, cientificamente fundada sobre a AIDS, sem nenhum tipo de restrição. Os portadores do vírus têm direito a informações específicas sobre sua condição.
- 2** Todo portador do vírus da AIDS tem direito à assistência e ao tratamento, dados sem qualquer restrição, garantindo sua melhor qualidade de vida.
- 3** Nenhum portador do vírus será submetido a isolamento, quarentena, ou qualquer tipo de discriminação.
- 4** Ninguém tem o direito de restringir a liberdade ou os direitos das pessoas pelo único motivo de serem portadoras do HIV, qualquer que seja sua raça, sua nacionalidade, sua religião, sua ideologia, seu sexo ou orientação sexual.
- 5** Todo portador do vírus da AIDS tem direito à participação em todos os aspectos da vida social. Toda ação que tende a recusar aos portadores do vírus um emprego, um alojamento, uma assistência ou a privá-los disso, ou que tenda a restringi-los à participação nas atividades coletivas, escolares e militares, deve ser considerada discriminatória e ser punida por lei.
- 6** Todas as pessoas têm direito de receber sangue e hemoderivados, órgãos ou tecidos que tenham sido rigorosamente testados para o HIV.
- 7** Ninguém poderá fazer referência à doença de alguém, passada ou futura, ou ao resultado de seus testes para a AIDS sem o consentimento da pessoa envolvida. A privacidade do portador do vírus deverá ser assegurada por todos os serviços médicos e assistenciais.
- 8** Ninguém será submetido aos testes de AIDS compulsoriamente, em caso algum. Os testes de AIDS deverão ser usados exclusivamente para fins diagnósticos, para controle de transfusões e transplantes, e estudos epidemiológicos e nunca para qualquer tipo de controle de pessoas ou populações. Em todos os casos de testes, os interessados deverão ser informados. Os resultados deverão ser informados por um profissional competente.
- 9** Todo portador do vírus tem direito a comunicar apenas às pessoas que deseje seu estado de saúde ou o resultado dos seus testes.
- 10** Todo portador do vírus tem direito à continuação de sua vida civil, profissional, sexual e afetiva. Nenhuma ação poderá restringir seus direitos completos à cidadania.

VIVA A VIDA!

REDE RIO DE SOLIDARIEDADE - ABIA/GIAPA-RJ/IBER-ARCA/IBER-Programa Prostituição e Direitos Civis/Projeto Nomes
Esta é uma publicação da ABIA financiada pela ABF de Encolmeiro

Em decorrência desses conflitos políticos e pessoais, a Rede Brasileira de Solidariedade não chegou a ser formada e, após o encontro de Santos, não se realizaram quaisquer outros esforços conjuntos nesse sentido.

Como resultado desse encontro, a ABIA continuou a se comunicar e colaborar em rede com outras organizações brasileiras ligadas à AIDS, porém de maneira bem menos institucional. Ao final da década de 80 e em parte da de 90, o aliado político e parceiro mais próximo da ABIA era o Grupo Pela VIDDA/RJ, formado em 1989 por Herbert Daniel. Integrante da equipe da ABIA, Daniel decidiu, após a descoberta de sua soropositividade, que era necessária uma organização que servisse de porta-voz político para as pessoas vivendo com HIV/AIDS. Embora com estilos de trabalho e produtos diferentes, o Grupo Pela VIDDA e a ABIA compartilhavam uma visão política fundamental de solidariedade e luta pelos direitos daqueles que vivem com HIV/AIDS, e vários dos líderes do Grupo Pela VIDDA – Herbert Daniel, Veriano Terto Jr., Miriam Ventura, José Stalin Pedrosa – relacionavam-se à ABIA de diferentes maneiras. Essa interligação dos dois grupos, através de participantes comuns, foi reforçada pela instalação do Grupo Pela VIDDA nas dependências da ABIA, fazendo com que se mostrasse por vezes difícil separar as duas entidades, embora quase todos os que haviam participado de ambos os grupos, ao final da década de 80 e no começo da de 90, tenham afirmado que as relações eram separadas porém complementares.

Através de Herbert Daniel, a ABIA e o Grupo Pela VIDDA compartilhavam o seu projeto político com ativistas ligados à AIDS em várias cidades brasileiras, o que resultou no estabelecimento de Grupos Pela VIDDA em São Paulo, Goiânia e Curitiba, e da Associação Londrinense Interdisciplinar de AIDS (ALIA), em Londrina. No Estado do Rio de Janeiro, a ABIA e o Grupo Pela VIDDA/RJ mantinham relações com várias organizações relacionadas à AIDS, entre as quais ARCA/ISER, GAPA/RJ, e o grupo *gay* Atobá. Esse pequeno núcleo de ativistas, liderados pelo Herbert Daniel, organizou algumas das primeiras manifestações públicas relacionadas ao HIV/AIDS no Brasil. Do mesmo modo que as atividades da ABIA voltadas para as políticas públicas, as manifestações, vistas também como ações políticas, combinavam espírito crítico e educação e buscavam ampliar a consciência e o engajamento público em relação à epidemia. Por meio de manifestações – entre as quais o abraço coletivo em torno da estátua do Cristo Redentor, no



Postal *AIDS Solidariedade*. ABIA, 01/12/88.

Dia Mundial da AIDS, em 1988; a formação de piquetes nos escritórios da Varig, na Cinelândia, em protesto contra a discriminação de trabalhadores soropositivos, em 1989; passeata com cartazes em forma de túmulos diante da Secretaria Estadual de Saúde, para chamar a atenção para a omissão do governo do Estado do Rio de Janeiro face ao rápido crescimento da epidemia, em 1990; e a instalação de uma “camisinha” gigantesca no obelisco da Cinelândia, para destacar a importância de se promover o sexo seguro, em 1991 –, a ABIA e seus parceiros políticos levaram as questões relacionadas ao HIV/AIDS até o público em geral e obtiveram significativa cobertura na imprensa, ajudando a promover o espírito de ativismo entre aqueles que trabalhavam com a epidemia no Rio de Janeiro e no Brasil.



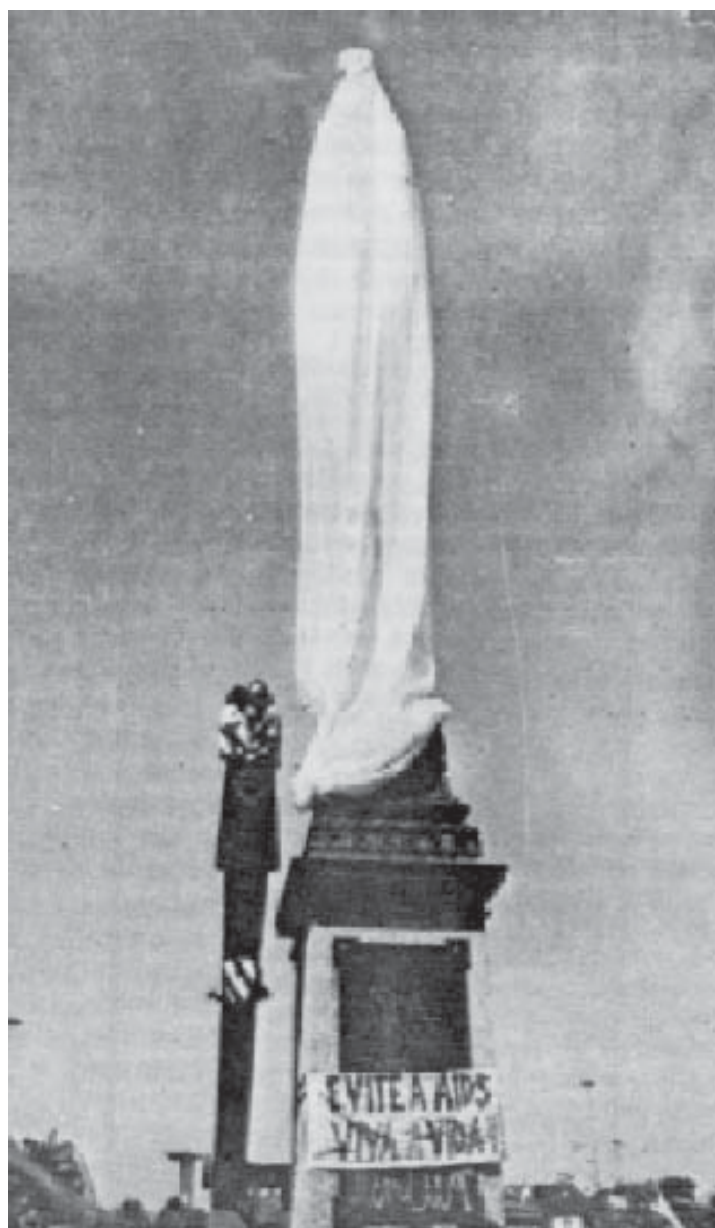
Manifestação pública em comemoração ao Dia Mundial da AIDS - abraço coletivo em torno do Cristo Redentor. Rio de Janeiro, 1988.





Herbert Daniel lidera a manifestação em frente aos escritórios da Varig, na Cinelândia, em protesto contra a discriminação de trabalhadores soropositivos; no centro - Walter Almeida. Rio de Janeiro, 1989





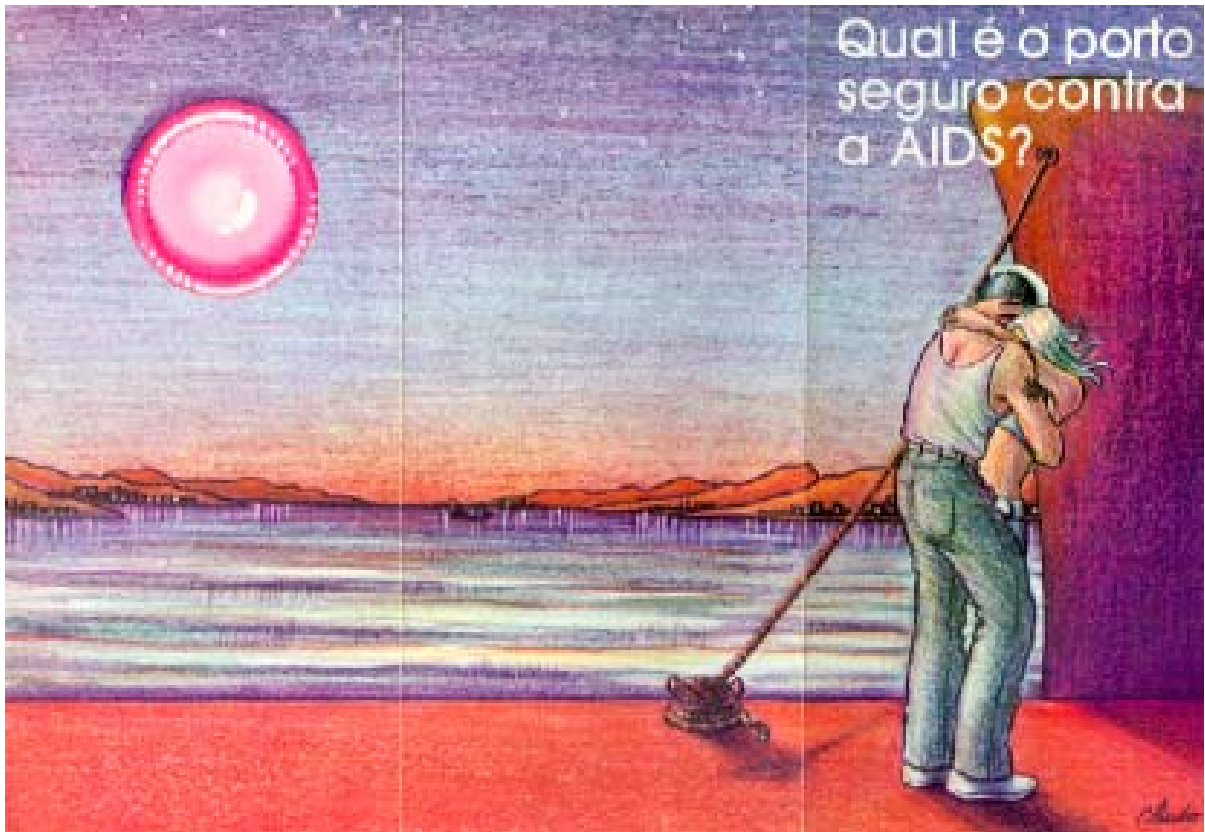
Fernando Rabelo/Agência Folhas

Instalação de uma
“Camisinha” no obelisco
da Cinelândia, para
promover o sexo mais
seguro. Rio de Janeiro,
1991.

INICIATIVAS DE PREVENÇÃO

Conforme visto acima, a ausência de uma resposta efetiva por parte do estado à epidemia de HIV/AIDS, em particular, à sua prevenção, foi um dos principais focos de atenção da ABIA em termos de políticas públicas e agenda política ao final da década de 80. No entanto, dada a necessidade de obtenção de informações precisas face ao rápido crescimento da epidemia, a ABIA não se contentou em permanecer em silêncio e de aguardar que o governo assumisse as suas responsabilidades. Obedecendo aos ditames de seu estatuto, no sentido de serem produzidas e divulgadas informações sobre a epidemia, ela se lançou rápida e eficazmente na educação para assuntos relativos ao HIV/AIDS. Durante um período de vários meses, ao final de 1987 e início de 1988, uma equipe da ABIA, sob a direção de Silvia Ramos, criou cinco panfletos educativos (*O que é a AIDS, como ela ataca e como evitá-la*, *Quando um amigo tem AIDS*, *Os testes para AIDS*, *Sangue: direito à vida*, e *AIDS e os nossos filhos nas escolas*) e um vídeo *AIDS: a melhor defesa*





Folheto *Qual é o porto seguro contra a AIDS?*, destinado a marinheiros mercantes. ABIA, 1988.

é a informação que apresentava diversos segmentos curtos sobre prevenção e educação. Dada a escassez de materiais educativos sobre HIV/AIDS nesse período, houve uma forte demanda dos panfletos, precisos e abrangentes, tanto no Estado do Rio de Janeiro quanto no resto do país, fazendo com que a ABIA emergisse como um dos principais pontos de referência no que diz respeito a informações sobre prevenção/educação relativas ao HIV/AIDS no Brasil.

A posição da ABIA como formadora de tendências, produtora e divulgadora de informações consolidou-se em 1988 através da implementação de iniciativas inovadoras relativas à AIDS, dirigidas a operários da construção civil (vídeo: *O amor e a vida nos tempos de AIDS*), marinheiros mercantes (folheto: *Qual é o porto seguro contra a AIDS?*), e homens que fazem sexo com homens (folheto: *Sexo sem riscos entre homens*). Ao contrário da maior

parte das atividades de prevenção/educação relativas ao HIV/AIDS nesse período, que contavam com uma distribuição única ou episódica de preservativos e/ou panfletos, a ABIA elaborou campanhas abrangentes de prevenção/educação feitas para atender às necessidades de populações específicas. No caso dos trabalhadores da construção civil e dos marinheiros, a ABIA desenvolveu essas campanhas porque começou a ser abordada, na época, por eles; no caso de homens que fazem sexo com homens (HSH), a ABIA, cuja equipe era composta por vários homossexuais, viu-se motivada pelo reconhecimento de que se produzia muito pouca informação visando reduzir o risco em relação aos HSH, embora fossem eles, naquela época, o grupo populacional mais atingido pela epidemia de HIV/AIDS no Brasil. Através de extenso diálogo com as populações-alvo, a equipe da ABIA tomava conhecimento de suas realidades diárias e da linguagem que era utilizada para falar de sexo e de outras questões ligadas ao HIV/AIDS. Esse conhecimento, por sua vez, nortearia o material produzido para cada campanha: panfletos, vídeos etc. Os objetivos principais de cada uma das campanhas da ABIA era promover a redução do risco de HIV em populações específicas e aumentar a consciência pública e estimular outros grupos a desenvolverem os seus próprios projetos de prevenção do HIV/AIDS. Nesse sentido, a ABIA produziu pacotes educacionais disponíveis ao público e realizou amplo trabalho junto aos meios de comunicação, do qual o resultado foi uma considerável cobertura dos três projetos na imprensa, tanto em jornais quanto na televisão.

Durante o período de 1989 a 1991, a ABIA continuou a desenvolver panfletos educacionais (em 1989, *Viver a vida positivamente* para pessoas cujos testes anti-HIV foram positivos, e uma segunda edição atualizada de *O que é AIDS?*) e materiais para campanhas de prevenção dirigidas a populações específicas, como crianças de rua (panfleto em forma de revista em quadrinhos e vídeos *Que qui é essa tal de AIDS* e *Meninos de rua*, de 1989), adolescentes (o vídeo *Amor, vida, viva!*, de 1991), e mulheres (o vídeo *Se você me ama*, de 1992). Complementando esses esforços de prevenção/educação, publicaram-se vários materiais educacionais visando promover a solidariedade e garantindo os direitos das pessoas soropositivas, incluindo *A declaração dos direitos fundamentais das pessoas vivendo com o vírus da AIDS* (em conjunto com a Rede Rio de Solidariedade, ABIA, GAPA/RJ, ISER/ARCA), de 1989, e *Juntos podemos vencer a AIDS*, de 1990.

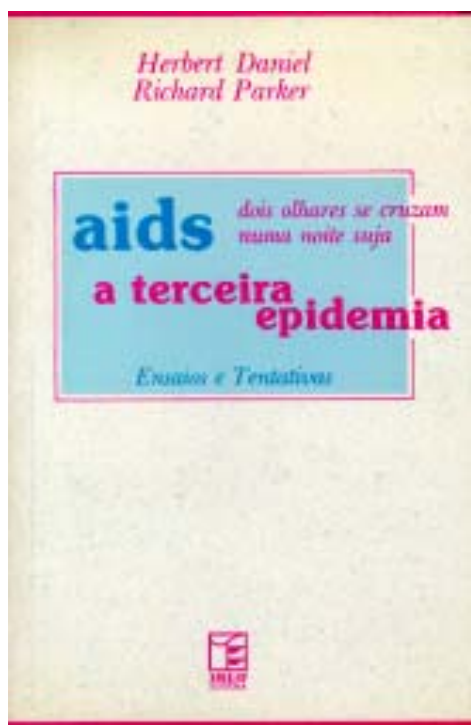
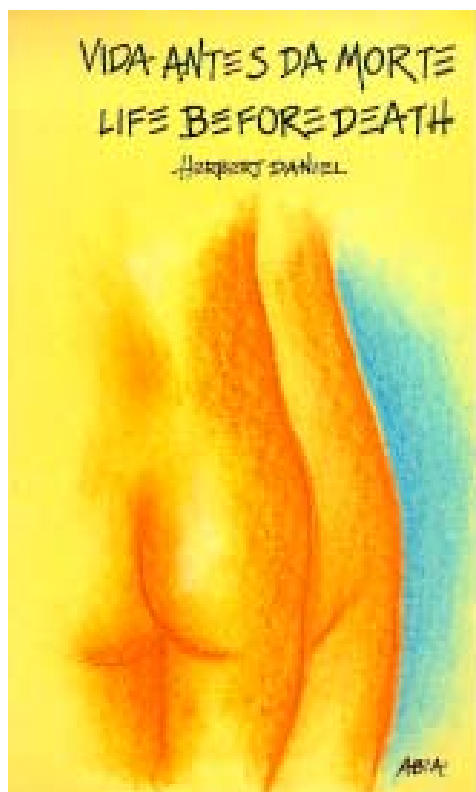


Da esquerda para direita -
Herbert Daniel, Carlos
Afonso, Betinho e Silvia
Ramos no lançamento
do vídeo “Que qui é essa
tal de AIDS”, na sede da
ABIA no Jardim
Botânico, 1989.

PESQUISA, PUBLICAÇÕES E GERENCIAMENTO DA INFORMAÇÃO

Pesquisa

A pesquisa voltada para questões ligadas ao HIV/AIDS ocupou sempre um lugar de destaque na missão da ABIA, desde as primeiras discussões do seu núcleo formador em 1985 e 1986, e tornou-se realidade com o primeiro financiamento obtido através da Fundação Ford, em 1987, que custeou o pioneiro projeto “Impacto Social da AIDS”. Tanto a ABIA como a Ford reconheciam que, em virtude da profunda carência de informações sobre a epidemia de AIDS no Brasil, tornava-se necessário realizar pesquisas básicas para desenvolver dados empíricos capazes de informar respostas governa-



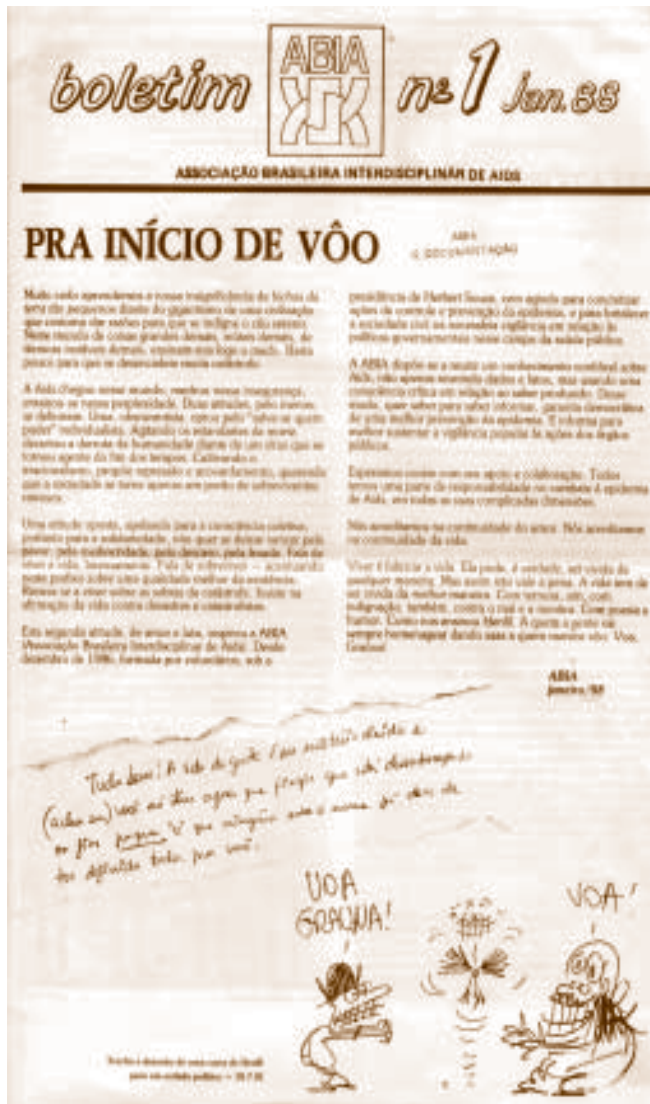
mentais e não-governamentais mais efetivas à epidemia. O projeto foi conduzido por Carmem Dora Guimarães, antropóloga que havia redigido a sua dissertação de mestrado acerca da homossexualidade masculina, e duas outras pessoas que desempenhariam papéis fundamentais na história da ABIA: Herbert Daniel e Jane Galvão. Essa pequena equipe realizou um dos primeiros estudos sociocientíficos a respeito da epidemia e colocou a ABIA em situação de destaque na condução de pesquisas sociocientíficas e de políticas vinculadas a HIV/AIDS. A posição de liderança da ABIA, no que diz respeito à produção de pensamentos sobre HIV/AIDS, afirmou-se, em 1989, com a publicação de Herbert Daniel, *Vida antes da morte/Life before death*, edição bilíngüe, e em 1991, com *AIDS: a terceira epidemia*, livro de Herbert Daniel e Richard Parker. Ambos os livros se encontram entre os primeiros livros sobre AIDS publicados no Brasil.

O interesse da ABIA na condução de pesquisas que pudessem informar iniciativas relativas à prevenção/educação, às políticas públicas e à ação política teve prosseguimento no início da década de 90, com o desenvolvimento do projeto “AIDS e as mulheres/Nordeste”, custeado pela Oxfam, e o projeto

de pesquisa “Mulheres com AIDS”, financiado pelo International Center for Research of Women (ICRW), com recursos da USAID. Tais iniciativas contavam com a colaboração de Silvia Ramos, da ABIA, de organizações feministas, como a SOS Corpo, de Recife, e do Coletivo Sexualidade e Saúde, de São Paulo, da antropóloga norte-americana Donna Goldstein e entre outros grupos e pessoas chaves no campo da saúde da mulher. Foram feitas entrevistas e oficinas sobre sexo mais seguro e outras atividades para difundir o conhecimento sobre os fatores sócioeconômicos e culturais que tornaram a mulher brasileira vulnerável ao HIV/AIDS e para educar as mulheres a respeito da epidemia e da prevenção ao HIV, além de estimular a organização das mulheres a respeito de questões ligadas à AIDS.

Publicações

Paralelamente a esses projetos de pesquisa, desenvolvia-se uma série de iniciativas para democratizar a informação relacionada ao HIV/AIDS no Brasil e para estimular a discussão política da epidemia. Criaram-se, assim, duas importantes publicações em 1988 e que prosseguem até hoje: o *Boletim ABLA* e *Ação Anti-AIDS* (versão em português da publicação internacional *AIDS Action*). O *Boletim ABLA* é publicado trimestralmente (suplementado por edições especiais, quando necessário) e é dirigido, principalmente, a grupos com trabalhos ligados à AIDS e aliados políticos em potencial na luta contra a epidemia. Através da apresentação de pesquisas nacionais e internacionais (incluindo os resultados do projeto “Impacto Social da AIDS”), perfis de grupos que trabalharam em torno de questões vinculadas a HIV/AIDS, programação de eventos relativos a HIV/AIDS, análise política, propostas de políticas e editoriais, os primeiros números do *Boletim ABLA* desempenharam papel fundamental no estímulo e na formação de um movimento nacional brasileiro de combate à AIDS, ao final da década de 80 e início da de 90. Em complementação ao *Boletim ABLA*, publica-se também o *Ação Anti-AIDS*, de perfil mais técnico, dirigido, principalmente, aos profissionais das áreas social e de saúde. O *Ação Anti-AIDS* era publicado três a quatro vezes ao ano pelo Appropriate Health Resources and Technologies Action Group (AHRTAG), com sede na Inglaterra, que custeou a edição em língua portuguesa. A ABIA estendeu esse projeto ainda mais e criou o seu próprio encarte, que foi incluído no *Ação Anti-AIDS*. O encarte brasileiro apresentava as mais recentes informações sobre HIV/AIDS e era um dos



poucos espaços no Brasil, naquela ocasião, em que se discutiam pesquisas e iniciativas voltadas para a prevenção e educação em assuntos relacionados a HIV/AIDS. E, no campo internacional, em 1990, a ABIA também publicou o *Boletim de Solidariedade Latino-Americana* (Boletim da Rede de Solidariedade Latino-Americana).

Um outro importante veículo através do qual a ABIA atuava, visando a troca de informações, era a participação de sua equipe em várias conferências



internacionais sobre AIDS na América do Norte, na Europa e na África. A alta visibilidade da ABIA nesses eventos transformou-a em ponto de referência para os formuladores de políticas, pesquisadores e organizações de comunidades de base em todo o mundo. Como resultado, do final da década de 80 até hoje, a ABIA vem recebendo, constantemente, visitantes internacionais em sua sede, e essas trocas têm constituído um componente básico dos esforços da ABIA no sentido de compartilhar e democratizar a informação relacionada ao HIV/AIDS.

Gerenciamento da Informação

Um último componente das tentativas da ABIA de democratizar a informação relacionada ao HIV/AIDS, ao final da década de 80 e início da de 90, foram as várias tentativas de sistematização dos seus arquivos e de criação de uma espécie de centro de documentação de dados sobre AIDS. A primeira dessas iniciativas teve lugar em 1987, ocasião em que a ABIA recebeu um financiamento da FINEP explicitamente com esse objetivo. Embora esse financiamento tenha efetivamente ajudado a ABIA a desenvolver uma base tecnológica de última geração, que incluía computação e acesso à Internet, o centro de dados sobre AIDS não se concretizou naquela oportunidade. Uma segunda tentativa de criar um centro de documentação efetivo foi iniciada em meados de 1989, quando Veriano Terto Jr. foi contratado como consultor para organizar o cada vez mais extenso arquivo da ABIA com materiais sobre HIV/AIDS. No entanto, embora houvesse efetivamente efetuado uma revisão de todo o arquivo da ABIA, o centro de documentação uma vez mais deixou de se transformar em realidade, devido à falta de espaço nas suas dependências e em razão das outras solicitações a Veriano Terto Jr. no sentido de que se dedicasse a questões relativas à prevenção/educação. Como resultado, embora a ABIA continuasse comprometida com a formação de um centro de documentação que viesse a permitir um fácil acesso a informações sobre o passado e o presente da epidemia de HIV/AIDS, o centro de documentação sobre AIDS prosseguiu somente como uma idéia e não como fato concreto, até o início da década de 90.

CRISE

O final da década de 80 foi um período de grande atividade para a ABIA, que, de uma idéia inicial de poucas pessoas em 1985, viu-se, então, como uma organização estável com um orçamento de cerca de US\$ 500 mil ao ano e uma equipe de cerca de uma dúzia de pessoas. No processo, a ABIA havia se transformado em renomada produtora e analista de questões relacionadas a HIV/AIDS e desempenhado um significativo papel na articulação de redes ativistas, voltadas para a AIDS, brasileiras e internacionais, que se formavam. No entanto, apesar dessas importantes realizações, a ABIA, em 1990, começou a experimentar uma série de dificuldades que vieram a

atingir, em 1991, a proporção de crise. Na essência da crise havia o fato de que a capacidade administrativa da ABIA não tinha acompanhado o seu crescimento, e o grupo não se viu em condições de administrar de maneira eficiente os seus vários projetos nem de efetuar a contabilidade pontualmente e de modo profissional a fim de apresentar os relatórios financeiros exigidos por seus financiadores. A necessidade da ABIA de contar com uma melhor organização contábil já havia sido objeto de discussões dentro do grupo, e, em 1991, a ABIA tentou resolver esses problemas contratando Cesar Behs para trabalhar como Diretor-Administrativo e trazendo um consultor canadense do ICASO para avaliar a situação administrativo-financeira da instituição.

As tentativas subseqüentes de Behs no sentido de racionalizar as operações administrativas e financeiras da ABIA criaram um clima de tensão. A ABIA contava com uma equipe profissional do mais alto nível, cujo trabalho se mostrava ao mesmo tempo inovador e extremamente qualificado, mas o ambiente de trabalho do grupo era um tanto livre; o dia de trabalho, por exemplo, tinha início à tarde e se estendia até bem tarde da noite, em lugar de um horário mais habitual, como o de nove às cinco. E nem todos os integrantes da equipe da ABIA se sentiram à vontade em relação à reorganização sugerida por Cesar Behs, em virtude de sua inexperiência no trabalho relacionado a questões ligadas ao HIV/AIDS. Esses conflitos quanto a estilo e conteúdo de trabalho se exacerbaram quando os recursos da ABIA começaram rapidamente a ser reduzidos em 1990, como consequência, em larga escala, de um planejamento financeiro inadequado e da falta de uma elaboração sistemática de projetos passíveis de serem custeados.

A ABIA reagiu às suas dificuldades financeiras de diversas maneiras. Como já havia feito no passado, Walter Almeida viajou para a Europa para entrar em contato com representantes de diversas agências financiadoras, porém tais esforços não resultaram no tipo de recursos de que a ABIA necessitava naquela ocasião. No país, o grupo procurou obter contribuições do setor privado, uma das quais se tornou objeto do escândalo do “jogo do bicho”, que veio à tona em 1994. Porém, a resposta mais criativa e politicamente significativa que a ABIA deu aos seus problemas financeiros foi a criação de seu projeto “Solidariedade é uma grande empresa”, ou, simplesmente, Projeto Empresas. Nesse projeto, a equipe da ABIA trabalharia em grandes



empresas como articuladores e “animadores” – e não simplesmente como fornecedores de serviços – para estimular a consciência, discussão e atividades em torno de questões envolvendo HIV/AIDS. A partir dos inúmeros contatos de Betinho, a ABIA começou a negociar e a fechar contratos com várias grandes empresas, em 1990 e 1991, entre as quais Xerox, Companhia Vale do Rio Doce, Petrobrás e Banco do Estado do Rio de Janeiro, resultando em cerca de US\$ 100 mil em 1991 e 1992. Além de uma resposta aos problemas financeiros da instituição o Projeto Empresas foi um dos projetos pioneiros sobre AIDS em local de trabalho implementados por ONGs naquele período, o que o tornou referência na questão durante os anos posteriores.

Apesar de o Projeto Empresas visar a auto-sustentação, representando um caminho inovador e politicamente interessante, a situação financeira da ABIA continuava grave no decorrer de 1991. Também durante esse período,

As empresas aderem ao projeto “Solidariedade é uma grande empresa”, 1991.



Foto: José Geraldo do Carmo

“PROJETO EMPRESAS”

Cerimônia de assinatura do Contrato de Adesão do Banerj ao projeto SOLIDARIEDADE É UMA GRANDE EMPRESA, no dia 30 de outubro de 1991.

Trata-se da oitava adesão ao projeto, que tem por finalidade incorporar empresas privadas e estatais no combate à epidemia de AIDS.

Da esquerda para direita: Dr. Álvaro Matida (ex-coordenador do Programa Estadual de AIDS/RJ, Herbert Daniel, Herbert de Souza (Presidente da ABIA), Antônio Carlos Brandão e José Carlos Leoni, os dois últimos da então diretoria do BANERJ.

fizeram-se notar marcadas diferenças de opinião entre Walter Almeida, Herbert Daniel, Silvia Ramos e Betinho em questões relativas a finanças, estilos de trabalho e formas de encarar a ABIA e a epidemia de HIV/AIDS. Esses desentendimentos – cada vez mais acentuados, em um clima de escassez de financiamentos, mais e mais reduzidos – tornaram-se mais exacerbados, devido a uma crescente carência de lideranças na ABIA. Já há algum tempo, Walter Almeida havia começado a distanciar-se gradualmente das operações do cotidiano da ABIA, dedicando-se mais às suas atividades internacionais, como a organização do ICASO e do LACCASO. Da mesma forma, Silvia Ramos havia declarado, ao final de 1990, não mais estar inte-

ressada na coordenação da ABIA, preferindo concentrar-se em seus próprios projetos dentro do grupo, como o projeto “AIDS e as mulheres”. Em resposta a esses acontecimentos, a coordenação efetiva da ABIA passou para Herbert Daniel, que foi designado como Diretor-Executivo da ABIA. Porém, em 1991, a saúde de Herbert Daniel começou a ficar cada vez mais frágil, e ele viu-se incapacitado a preencher as necessidades do cargo, fazendo com que Cesar Behs, seu amigo de longa data, funcionasse, em termos práticos, como seu porta-voz no cotidiano da ABIA. Devido a difícil situação na ABIA e não conforme com os rumos que estavam sendo tomados, Sílvia Ramos e Ranulfo Cardoso Jr. deixaram a instituição no segundo semestre de 1991.

Diante dessas saídas, da contínua ausência de lideranças e do reduzido nível de envolvimento de seu Conselho Diretor, Betinho convidou, ao final de 1991, Richard Parker e João Guerra para dirigirem a ABIA. Richard Parker – antropólogo norte-americano, professor no Instituto de Medicina Social/ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IMS/UERJ) e especialista em sexualidade e HIV/AIDS – havia sido consultor da Fundação Ford e assessor informal da ABIA na década de 80, e também colaborador de Herbert Daniel em vários projetos de pesquisa e publicações. João Guerra, dentista, era amigo íntimo de Betinho e integrante do Conselho Diretor do IBASE. De setembro de 1991 a maio de 1992, Richard Parker, João Guerra e Cesar Behs dirigiram a ABIA, embora Richard Parker e João Guerra não ocupassem, oficialmente, qualquer posição na estrutura organizacional. Com a morte de Herbert Daniel em março de 1992, a crise interna havia, relativamente, terminado, e, em maio de 1992, a ABIA foi oficialmente reestruturada. Betinho continuava presidente, com Leda Maria Fonseca como Vice-Presidente e Walber Vieira como Secretário-Geral, enquanto que a administração do cotidiano da ABIA era compartilhada pelo Diretor-Executivo João Guerra, pelo Diretor de Planejamento Richard Parker, e pelo Diretor-Financeiro Cesar Behs, que juntos deram início a um processo de revitalização de uma organização desgastada.

1992–1995: Crescimento e Retração

Quando Cesar Behs, João Guerra e Richard Parker assumiram, em maio de 1992, o controle formal da administração executiva do cotidiano, a ABIA continuava em uma péssima situação financeira, com uma dívida de cerca de US\$ 40 mil. Conseqüentemente, uma das primeiras tarefas da diretoria foi a de conseguir dinheiro suficiente para que a instituição se visse em condições de retomar as suas diversas atividades, que, no decorrer da crise, permaneceram em grande parte em compasso de espera, à exceção do Projeto Empresa. A partir dos contatos de Richard Parker com agências internacionais de cooperação e de sua experiência na elaboração de projetos bem estruturados, a ABIA conseguiu obter um importante financiamento de três anos (US\$ 168 mil por ano) da Fundação MacArthur. Esse apoio cobriu a maior parte dos custos administrativos da ABIA, incluindo os salários de Richard Parker e João Guerra, e salvou, financeiramente, a instituição. Durante os anos de 1992 e 1993, outros financiamentos, a maior parte deles vinculados a projetos particulares, foram também obtidos do ICCO (Holanda); IAF, Public Welfare Foundation, National Council of the Churches of Christ, Family Health International AIDSCAP Project/USAID e Fundação Ford (Estados Unidos); EZE e Misereor (Alemanha); Save the Children Fund e Scottish Catholic International Aid Fund/SCIAF (Inglaterra); ramo da Fundação Levi-Strauss (Brasil/EUA) com sede em São Paulo; e Development et Paix (Canadá). Em 1994, a ABIA possuía um orçamento anual de mais de US\$ 1 milhão e uma

equipe de mais de 30 pessoas. Acompanhando essa entrada substancial de financiamentos e o trabalho da nova diretoria, observou-se a profissionalização do ambiente e do estilo de trabalho da ABIA – como o horário de trabalho regular e a extensa equipe de apoio administrativo – e a mudança, em agosto de 1992, das sedes da ABIA e do Grupo Pela VIDDA/RJ para o centro da cidade, na rua Sete de Setembro, 48, um lugar muito mais acessível e apropriado para atendimento a um público cada vez mais amplo. Esse padrão de sistematização se estendeu também às atividades de pesquisa e divulgação de informações da ABIA, uma possibilidade surgida das ligações de Richard Parker com o IMS/UERJ e com redes internacionais de pesquisa e políticas públicas de uma forma geral. Essa renovação dos esforços na produção sistemática de pesquisa e divulgação da ABIA, que foram gradualmente se reduzindo, uma vez concluído o projeto “Impacto Social da AIDS”, e a saída de Carmen Dora Guimarães da ABIA, em 1989, resultaram no fato de que um número crescente de pesquisadores veio a se tornar membro do Conselho Diretor da ABIA e/ou atuar na qualidade de parceiros e interlocutores.

Como parte dessa renovação das atividades de pesquisa da ABIA, Jane Galvão – que trabalhara no projeto “Impacto Social da AIDS” e, desde 1988, tornara-se coordenadora do programa ARCA/ISER, bem como consultora da pesquisa sobre AIDS, conduzida por Richard Parker no IMS/UERJ – foi contratada ao final de 1992 para fazer uma avaliação do *Ação Anti-AIDS*. Em 1993, Richard Parker convidou Jane Galvão para participar do projeto “AIDS, Saúde Reprodutiva e Políticas Públicas” que estava sendo elaborado para apreciação da Fundação Ford. Após a aprovação da concessão de financiamentos naquele mesmo ano, Jane Galvão começou a atuar como membro permanente da equipe da ABIA. Com o pedido de demissão de Cesar Behs, em 1993, e a precipitação da reestruturação que se seguiu, Jane Galvão concordou em tornar-se Coordenadora-Geral da ABIA, juntamente com Richard Parker e João Guerra. Nos dois anos subseqüentes, Jane Galvão passou gradativamente a assumir responsabilidades administrativas cada vez maiores na ABIA, dividindo, em 1994, após o pedido de demissão de João Guerra, a Coordenação-Geral com Richard Parker, e, posteriormente, em 1996, tornando-se a única Coordenadora, já que Richard Parker havia deixado o seu cargo remunerado na equipe e se tornara Secretário-Geral do Conselho Diretor da ABIA.

Essa reestruturação e profissionalização da ABIA ocorreu em um período de grandes mudanças no mundo da política e da normatização da AIDS no

Brasil, com a volta de Lair Guerra à condução do Programa Nacional de AIDS e a concessão de um empréstimo ao Brasil por parte do Banco Mundial - em grande parte um esforço da própria Lair Guerra - para a implementação de um Programa Nacional de AIDS abrangente. A entrada do governo federal no custeio do programa de HIV/AIDS e a metodologia e elaboração de relatórios que tais projetos exigiam reforçaram a necessidade de profissionalização por parte da ABIA e, de um modo geral, das ONGs/AIDS no Brasil. Em resposta a esse contexto modificado, uma ABIA revitalizada, embora ainda comprometida com a visão política de seus fundadores, passou a desenvolver um tipo diferente de ativismo, bem mais vinculado a projetos e à produção, à análise e à divulgação de informações, e não a manifestações de rua e a uma política de confronto que fazia parte da primeira fase de ativismo da ABIA do final da década de 80.

A revitalização da ABIA, em meados da década de 90, não deixou de vivenciar seus momentos difíceis. Em 1994, a imprensa noticiou que a ABIA havia recebido dinheiro do jogo do bicho. A história por detrás desse escândalo remonta a dezembro de 1990, quando a ABIA se encontrava no auge da crise financeira e institucional descrita anteriormente. Na busca de recursos financeiros, Herbert Daniel, então Diretor-Executivo, e Betinho, Presidente, apelaram para o seu Conselho Diretor no sentido de prestarem auxílio na obtenção de fundos. Um dos integrantes do Conselho, Nilo Batista, colocou-os em contato com Terezinha Petrus, esposa de “Turcão”, um banqueiro do jogo do bicho, a qual decidiu doar US\$ 40 mil à ABIA em janeiro de 1991. O dinheiro foi depositado em uma conta legal mantida pela instituição em Nova York, para evitar problemas com a desvalorização da moeda, devido à instabilidade econômica do Brasil, e a ABIA fazia retiradas regulares para financiar as suas atividades. Três anos depois, esses fatos vieram à tona, pois foram encontrados documentos da ABIA em uma casa de câmbio do mercado paralelo que estava sendo investigada por uma entidade federal. Um desses documentos vinculava a ABIA a Terezinha Petrus, dando origem a reportagens sensacionalistas, em abril e maio de 1994, constatando que a ABIA havia recebido dinheiro do jogo do bicho e questionando tanto a postura ética do Betinho quanto a legitimidade do trabalho da ABIA, devido a esta fonte questionável de recursos.

O estouro dessa história colocou Betinho e a ABIA sob questionamento público por vários meses. Em resposta ao que fora alegado, Betinho declarou,

Entidade de combate à Aids que o sociólogo preside recebeu US\$ 40 mil de banqueiro do jogo do bicho em '90

162x O profeta da paz e os pastores da violência

res da... tempo, elas... com a justiça... maior, também... de evadirem... processo que... governo. A...

FERNANDA DA ESCÓSSIA
Da Sucursal do Rio

O sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, disse que foi "um erro político" buscar recursos junto aos bicheiros para socorrer economicamente a Abia (Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids).



Nilo garante ter feito boa ação

Betinho recebeu ajuda do jogo do bicho

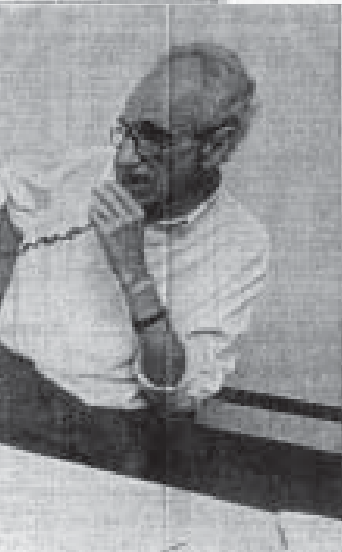
Segundo Betinho, a época seu presidente de honra, a Abia se... capot da morte por insucesso fi... nasceu graças aos 40 mil dólares... res obtidos na undécima barra... penitências e ressalvas feitas... declarou-se arrependido. "Por er...

"Nilo intermediou verba para a Abia"

O governador Nilo Batista (PDT) confirmou ontem ter sugerido ao sociólogo Herbert de Souza...

Betinho diz que deveria ter recebido mais

Para ele, Lucrécia Fortes não... "provisões" para... sociólogo recebeu outros recursos da... entidade...



Segundo Betinho, a época seu presidente de honra, a Abia se... capot da morte por insucesso fi... nasceu graças aos 40 mil dólares... res obtidos na undécima barra... penitências e ressalvas feitas... declarou-se arrependido. "Por er...

CONFIRMADA A SURPRESA
A presença de seu arcebispo... a Lista do Bicho, uma... publicação mensal editada por...

publicamente, que havia sido um erro aceitar o dinheiro, embora ao final se verificasse que a ABIA não havia infringido a lei. Mais problemáticas do que as dimensões legais do escândalo foram as dúvidas levantadas acerca dos padrões e práticas éticas da ABIA – e, por extensão, das outras ONGs vinculadas à AIDS – situação ainda mais complicada devido à reputação de pessoa moral e eticamente correta de que desfrutava Betinho junto ao público brasileiro, e o fato de que 1994 era um ano de eleições presidenciais. O momento em que ocorreu o escândalo levou alguns a concluir que a “revelação” dos supostos vínculos da ABIA com o jogo do bicho era, na verdade, uma jogada política para desacreditar Betinho e as causas progressistas e candidatos que apoiava. Independente de qual tenha sido a sua origem, o escândalo começou gradualmente a perder fôlego nos meses que se seguiram. E, se o escândalo foi doloroso para a ABIA, serviu também de oportunidade para que muitos de seus aliados viessem em sua defesa, auxiliando-a a reafirmar a importância de sua missão política de solidariedade em resposta à epidemia de HIV/AIDS.

Um segundo fato marcante que afetou a ABIA, nos meados da década de 90, foi a decisão do Grupo Pela VIDDA/RJ de se mudar do escritório da rua Sete de Setembro, dividido com a ABIA. Desde a morte de Herbert Daniel, em 1992, as profundas ligações pessoais e mesmo fraternas entre as duas organizações haviam começado gradualmente a diminuir, e, nos anos que se seguiram, os grupos passaram cada vez mais a tomar rumos diferentes – a ABIA consolidando a sua posição como produtora, analista e divulgadora de informações a respeito de prevenção, pesquisa e políticas públicas relacionadas à AIDS, e o Grupo Pela VIDDA/RJ como a mais importante liderança dos movimentos emergentes de pessoas vivendo com HIV/AIDS no Brasil. Em 1995, o Grupo Pela VIDDA/RJ decidiu que havia chegado a hora de se separar da ABIA e de se estabelecer em seu próprio escritório. No entanto, apesar da divisão física das duas organizações, a ABIA e o Grupo Pela VIDDA/RJ mantiveram relações amigáveis e, de um modo geral, continuaram a atuar juntos em várias atividades, embora não tão intensamente como antes.

MOBILIZAÇÃO POLÍTICA E POLÍTICAS PÚBLICAS

O retorno de Lair Guerra à coordenação do Programa Nacional de AIDS, em 1992, representou uma importante mudança na política nacional brasileira

em relação à AIDS. Como parte do seu trabalho de reestruturação do então moribundo Programa Nacional de AIDS, Lair Guerra deu nova ênfase à importância das ONGs e do envolvimento comunitário no desenvolvimento e implementação de políticas e programas relacionados a HIV/AIDS. Essa pronunciada mudança no discurso veio acompanhada da integração de diversos participantes do movimento brasileiro de combate à AIDS ao desenvolvimento de políticas nacionais com esse objetivo, incluindo Richard Parker, que, como Diretor de Planejamento da ABIA, atuou durante cerca de meio ano, em 1992, em Brasília, como consultor responsável pela Unidade de Prevenção do Programa Nacional de AIDS, e Paulo Roberto Teixeira, que havia criado o primeiro programa estadual de AIDS, em São Paulo, e possuía uma longa história de estreito relacionamento de trabalho com ONGs.

Durante esse período de crescente cooperação entre ONGs/AIDS e o Programa Nacional de AIDS, por exemplo, a ABIA desempenhou importante papel, juntamente com outras ONGs, como o Grupo Pela VIDDA/RJ e o Grupo Pela VIDDA/SP, na articulação de uma frente unida envolvendo ativistas, pesquisadores e equipes do programa do governo, na luta a favor da pesquisa de uma vacina contra o HIV no Brasil. Em 1991, período em que Alceni Guerra era Ministro da Saúde, e Eduardo Côrtes, o coordenador do Programa Nacional de AIDS, o governo brasileiro havia rejeitado uma oferta da OMS para participar dos preparativos internacionais para um eventual teste da vacina contra HIV/AIDS. Juntamente com o Grupo Pela VIDDA/RJ e o Grupo Pela VIDDA/SP, a ABIA tentou pressionar o governo federal a revisar a sua posição e elaborou, em conjunto com esses grupos, uma publicação informativa nesse sentido, o *Dossiê Vacinas*, com o objetivo de informar ao público a respeito da pesquisa sobre a vacina anti-HIV e afastar preocupações desnecessárias sobre os riscos potenciais, para o público em geral, envolvendo a pesquisa da vacina. Com o retorno de Lair Guerra ao Programa Nacional de AIDS, a luta a favor da pesquisa da vacina no Brasil tornou-se um importante ponto de colaboração entre a ABIA e o Ministério da Saúde. Além disso, a cerimônia pública realizada no Rio de Janeiro, no início de 1992, por ocasião do lançamento do *Dossiê Vacinas*, com a participação de Lair Guerra, Betinho e Richard Parker na mesma mesa-redonda discutindo o *Dossiê*, e a reformulação do Programa Nacional de AIDS representaram o contraponto simbólico às críticas mordazes que Betinho e Herbert Daniel haviam feito ao coordenador anterior, Eduardo Côrtes, no ano an-





Luciana Whitaker/Folhas

terior, por ocasião do Primeiro Encontro Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS na mesma sede do Conselho Regional de Medicina do Estado do Rio de Janeiro. O retorno formal do Brasil como participante dos preparativos da OMS para a pesquisa da vacina ainda naquele ano estava entre as principais vitórias que marcavam um novo período de colaboração – embora não sem áreas de tensão – entre os programas governamentais de AIDS e organizações da sociedade civil.

Esse aprimoramento das relações de trabalho e da interligação entre as ONGs/AIDS e o Programa Nacional de AIDS viu-se reforçado quando o Brasil entrou em negociações com o Banco Mundial para a obtenção de um considerável empréstimo para a estruturação e implementação de seu programa de AIDS. Nesse processo, diversos integrantes da equipe da ABIA na época atuaram como consultores contratados para auxiliar o Programa Nacional de AIDS a elaborar a sua proposta, com Veriano Terto Jr. e Silvia

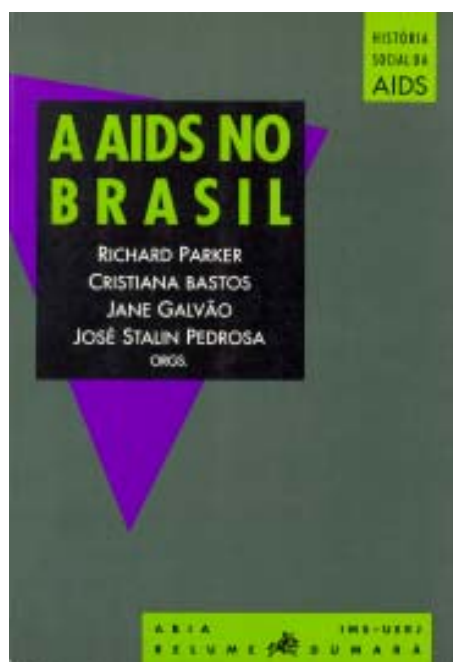
Da esquerda para direita - Eduardo Côrtes (Coordenador do Programa Nacional de AIDS), Michael Merson (Diretor do Programa Global de AIDS da OMS), Richard Parker, Betinho, Fernando Zacarias (Coordenador do Programa Regional de AIDS da OPAS) e Dr. Álvaro Mátida (Coordenador do Programa Estadual de AIDS do Rio de Janeiro) no I Seminário Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS. Rio de Janeiro, agosto, 1991.

Ramos trabalhando sobre AIDS e as questões ligadas aos locais de trabalho; Jane Galvão, sobre iniciativas de prevenção; e Nelson Solano, que, em 1993, assumiria a coordenação do Projeto Empresa da ABIA, sobre questões relacionadas às organizações não-governamentais. Essa troca de idéias e de pessoal entre a ABIA e o Programa Nacional de AIDS continuou até meados da década de 90, sendo que diversos integrantes da ABIA – José Stalin Pedrosa, Cristina Alvim Castello Branco, Lília Rossi, Vera Menezes e Jane Galvão – passaram todos, posteriormente, a trabalhar com o Programa Nacional de AIDS.

Ao mesmo tempo, no entanto, a implementação do programa coberto pelo primeiro projeto do Banco Mundial para a prevenção e controle da AIDS no Brasil (com um empréstimo de US\$ 160 milhões do Banco Mundial e US\$ 90 milhões, como contrapartida, do governo federal brasileiro) alterou, fundamentalmente, o movimento brasileiro de combate à AIDS e a sua relação com o Estado. Em lugar de criticar, questionar e mobilizar em torno das questões ligadas às políticas públicas relacionadas a HIV/AIDS, uma grande parte do enfoque das atividades das ONGs/AIDS passou a se concentrar no desenvolvimento de atividades de “intervenção” com o auxílio de equipes remuneradas e metodologias sociocientíficas, cuja própria existência dependia dos financiamentos fornecidos pelo Programa Nacional de AIDS. Essa dependência de diversas ONGs/AIDS em relação ao Programa Nacional de AIDS e ao Banco Mundial suscitou sérias questões, continuamente discutidas pela ABIA nos meados da década de 90, a respeito da autonomia política do movimento em torno da AIDS. A capacidade da ABIA de manter o seu já conhecido papel de vigia das políticas públicas era possibilitada pela sua sólida base de financiamentos obtidos através de agências de cooperação internacional, que lhe permitiam continuar as suas atividades sem ter de depender de financiamentos do governo federal.

O afastamento da ABIA do Programa Nacional de AIDS, em um período em que se verificava crescente entrelaçamento entre as ONGs/AIDS e o Estado, foi também resultado de desavenças entre a ABIA e Lair Guerra, que vieram à tona em 1992 e 1993. Tais diferenças acarretaram, ao final de 1992, a saída de Richard Parker do Programa Nacional de AIDS e o desligamento de João Guerra e da ABIA, em 1993, da Comissão Nacional de AIDS e do Conselho Nacional de Saúde. Esse relativo distanciamento da ABIA dos centros formais responsáveis pela formulação de políticas de AIDS no plano federal continuou até 1996, ano que marca a saída definitiva de Lair Guerra como

Coordenadora do Programa Nacional de AIDS. Um distanciamento semelhante ocorreu nas relações da ABIA com outras ONGs/AIDS, como demonstrava o fato de que a ABIA não mais participava dos comitês organizadores das Conferências Nacionais de ONGs/AIDS após a reunião de Vitória em 1994. Em decorrência dessas decisões, a ABIA deixou de desempenhar um papel de liderança formal no âmbito do movimento nacional de AIDS, passando a desenvolver programas-modelo de prevenção e educação, pro-



piciando a discussão política e a pesquisa em torno de questões relativas ao HIV/AIDS, através de suas várias publicações e participação em conferências, seminários e outros espaços públicos, como, por exemplo, a divulgação da “Proposta mínima de programa de AIDS no Brasil”, de Betinho, publicada, em 1992, no *Boletim ABIA* e, em 1994, no livro *A AIDS no Brasil*. No entanto, a ABIA continuou a desempenhar um importante papel de liderança no desenvolvimento de políticas vinculadas ao HIV/AIDS no Rio de Janeiro, através de sua participação na Comissão Estadual de AIDS.

INICIATIVAS DE PREVENÇÃO

Em meados da década de 90, verificou-se uma acentuada mudança nas atividades de prevenção e educação vinculadas ao HIV/AIDS no Brasil, por parte das ONGs; da simples distribuição de preservativos e informações, passou-se para projetos maiores e semiprofissionalizados, segundo metodologia e objetivos mensuráveis. Em vários aspectos, tais mudanças não representavam qualquer novidade para a ABIA, pois, desde o início de suas atividades, ela vinha desenvolvendo iniciativas sistemáticas de prevenção/educação; na verdade, o “novo” modelo de intervenções baseadas em projetos significava que outras ONGs/AIDS brasileiras estavam adotando o

estilo de prevenção/educação da ABIA nos assuntos relacionadas ao HIV/AIDS. No entanto, postas de lado as questões relativas à novidade, os meados da década de 90 constituíram também um período de renovação das atividades da ABIA no tocante a questões envolvendo prevenção e educação relacionadas ao HIV/AIDS, em que a ABIA dirigiu e/ou participou, de 1993 a 1995, de quatro projetos ambiciosos de maior amplitude: o projeto “Homens que fazem sexo com homens”/Projeto Homossexualidades, o “Vida Viva”/Projeto Escola, o “Programa regional para o controle da AIDS”/Projeto Favela, e o “Solidariedade é uma grande empresa”/Projeto Empresa. De maneiras diferentes e visando populações-alvo diversas, tais iniciativas se adaptavam à história, de longa data, da ABIA, no que diz respeito ao desenvolvimento de projetos inovadores, que combinavam pesquisa, desenvolvimento de políticas públicas, prevenção/educação, mobilização política e apresentavam modelos que eram copiados por ONGs/AIDS, entidades governamentais e outras organizações no país.

Projeto “Homens que Fazem Sexo com Homens” (Projeto Homossexualidades)

Esse projeto foi desenvolvido pela ABIA, Grupo Pela VIDDA/RJ e Grupo Pela VIDDA/SP, em 1993, com financiamentos básicos da Family Health International/Projeto AIDSCAP (com recursos da USAIDS) e do Programa Nacional de AIDS, além de financiamentos complementares de outros projetos da ABIA, tais como aqueles apoiados pela IAF e pela Fundação MacArthur. O projeto surgiu do reconhecimento de que – apesar do grande número de homens brasileiros que continuavam a ser infectados pelo HIV, via contatos sexuais com outros homens, quase não existiam programas de prevenção ao HIV/AIDS dirigidos de maneira séria e/ou sistemática aos problemas específicos que o HIV/AIDS acarreta às vidas desses homens. Sob a direção de Richard Parker, o Projeto Homossexualidades desenvolveu um impressionante leque de atividades, sem precedentes, dirigidas aos homens que fazem sexo com homens no Rio de Janeiro e em São Paulo, incluindo um mapeamento de espaços sociais e a publicação de “Guias para *gays*” para as duas cidades; pesquisas de rua; produção do vídeo *Homens*, com histórias orais de três homens homossexuais; ampla colaboração com organizações de homossexuais e instituições médicas; produção de material educacional sobre a AIDS voltada especificamente para homens que fazem sexo com homens



Foto: Vagner de Almeida

(*Não importa com quem, Amor a três, e Sexo, homens e AIDS*); treinamento de educadores de pares; oficina de teatro expressionista, que desenvolveu e apresentou a peça *Cabaret Prevenção* (e produziu um vídeo documentando a peça); um espaço cultural semanal para homossexuais; oficina sobre sexo mais seguro/sexualidade; e um amplo projeto de pesquisa relacionado à sexualidade e ao HIV/AIDS entre homens que fazem sexo com homens. Através dessas atividades, a ABIA e seus colaboradores não somente estimulavam a discussão de assuntos ligados a HIV/AIDS entre homens que fazem sexo com homens, como também desempenhavam um papel de suma importância ao propiciarem o surgimento de comunidades *gays* no Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades brasileiras, como Porto Alegre/RS, onde foram realizadas iniciativas que tinham como referência o Projeto Homossexualidades.

Oficina de sexo seguro para homens que fazem sexo com homens, 1994.

Foto da Oficina de Teatro Experimental desenvolvida pelo Projeto Homossexualidades (ABIA/Pela Vida/SP). Cabaret Prevenção procura levar para o público de maneira bem-humorada ao mesmo tempo que reflexiva, a realidade cotidiana homossexual e o impacto da epidemia de AIDS, através de sketches escritos, encenados e produzidos pelos próprios participantes da Oficina. O espetáculo procura reproduzir situações como encontro na lanterna, sedução, distância, amor, machismo, homofobia, singelosidade, assim como reforçar que não é importante quanto prevenir a epidemia do HIV/AIDS e combater os estigmas que envolvem o homossexualidade na sociedade brasileira.

Cabaret Prevenção é vídeo, registro em 35mm da Oficina, com os sketches de palco, apresentando momentos dos personagens típicos e a opinião dos espectadores. Encenado no teatro a partir de 1995, a peça levou mais de 4 mil pessoas ao Teatro Aberto, tradicional teatro gay do Rio de Janeiro.

Produção: Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS (ABIA) - 1995
 Duração: 30 minutos
 Direção: Vagner de Almeida
 Apoio: FN DST/AIDS do Ministério da Saúde

ABIA
 Rua Belo do Século, 48/12º andar
 20050-000 Rio de Janeiro/RJ - Brasil
 Tel.: (21) 224-1654 Fax: (21) 224-3414
 E-mail: abia@abia.org
 Internet: http://www.abia.org.br/55/abia

CABARET PREVENÇÃO O VÍDEO

NTSC

ABIA

CABARET PREVENÇÃO

O VÍDEO

Foto: Vagner de Almeida

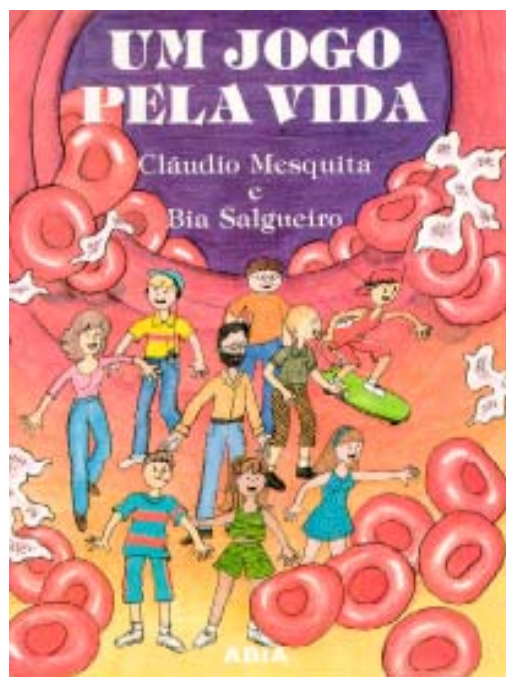


Material educativo produzido pelo Projeto Homossexualidades.



Projeto “Vida Viva” (Projeto Escola)

O Projeto Escola teve início em 1993, com financiamentos do Save the Children Fund e da Public Welfare Foundation, e buscou aproveitar a capacidade do sistema da escola pública para desenvolver programas de prevenção relativos ao HIV/AIDS em comunidades escolares. Para atingir esse objetivo, a ABIA efetivou acordos de cooperação técnica com as Secretarias



de Educação de quatro cidades – Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro; Florianópolis, em Santa Catarina; Palmas, no Tocantins; e Itabira, em Minas Gerais. Através de contatos mantidos com equipes coordenadoras das quatro cidades, a equipe da ABIA treinou pessoal das escolas, estimulou a integração de ONGs/AIDS locais e instituições educacionais e da área da saúde a atividades ligadas a projetos, e encorajou a organização e a divulgação de serviços sociais voltados para a prevenção ao HIV/AIDS. O Projeto Escola

desenvolveu também uma série de materiais educacionais e publicações impactantes, tais como *AIDS e educação: um convite à prevenção*, o vídeo *Formou o bonde*, o manual *AIDS e as escolas: nem indiferença, nem discriminação*, o *Guia de orientação sexual: diretrizes e metodologias do pré-escolar ao segundo grau* (desenvolvido em parceria com o Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual/GTIPOS e o Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana/ECOS), os panfletos *Cai dentro* e *Passaporte para o futuro*, cujo modelo se baseia na carteira de trabalho tradicional e contém informações sobre a AIDS, e o livro *Um jogo pela vida*. Da mesma forma que o Projeto Homossexualidades, o Projeto Escola continha um componente de pesquisa que incluía um questionário submetido a mais de 600 estudantes nas quatro cidades e uma análise das iniciativas de prevenção contra a AIDS no âmbito escolar.

Programa Regional de Controle da AIDS (Projeto Favela)

Assim como o Projeto Escola, o Programa Regional de Controle da AIDS envolvia parcerias com entidades governamentais, nesse caso as Secretarias de Saúde Municipal e Estadual do Rio de Janeiro, com financiamentos obtidos através de um fundo especial do gabinete do Ministro da Saúde. Reconhecendo o contínuo crescimento da epidemia de HIV/AIDS nas comunidades de baixa renda e fazendo uso de uma experiência anterior na Favela da Rocinha, o Programa Regional tentou implantar programas e serviços auto-sustentáveis de prevenção ao HIV/AIDS, por bairros, em duas favelas, Parque Vila Isabel e Cerro-Corá, na Zona Norte e na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, respectivamente. Com esse objetivo, o projeto treinou mais de uma dúzia de educadores comunitários, que distribuíam preservativos e compartilhavam informações sobre HIV/AIDS com os seus vizinhos. Juntamente com os educadores comunitários, com as equipes da ABIA e com os departamentos de saúde, o Programa Regional também organizou palestras, festas e outras atividades com a finalidade de encorajar atitudes positivas visando reduzir o risco de HIV e de promover a solidariedade em relação a pessoas vivendo com HIV/AIDS.

Projeto “Solidariedade é uma Grande Empresa” (Projeto Empresa)

Coroando as iniciativas mais amplas da ABIA em relação à prevenção/educação, da primeira metade da década de 90, encontrava-se o Projeto Empresa. Conforme visto anteriormente, esse projeto foi concebido pela primeira vez ao final de 1990, chegando a contar com centenas de funcionários e a aportar, em 1991 e 1992, mais de US\$ 100 mil por ano em recursos para a ABIA. Em 1993, quando Veriano Terto Jr. que coordenava o Projeto desde sua implementação assumiu a coordenação do Projeto Homossexualidades, Nelson Solano, que havia anteriormente trabalhado com o GAPA, em São Paulo, substituiu-o como coordenador do Projeto Empresa. Paralelamente à acentuada tendência à profissionalização no âmbito das ONGs/AIDS brasileiras, Solano sistematizou o que, anteriormente, havia sido um projeto de cunho mais político do que técnico. Sob a liderança de Solano, e em resposta a solicitações por parte das empresas, o Projeto Empresa desenvolveu diversos materiais, como *AIDS no local de trabalho* e um manual de treinamento de educadores em AIDS nos locais de trabalho. Embora

esses materiais fossem de alta qualidade e bem recebidos pelas empresas, o projeto, no entanto, entrou em decadência e, no decorrer de 1993, o número de firmas com as quais a ABIA mantinha contratos havia diminuído consideravelmente. E com um volume menor de contratos, o Projeto Empresa se viu impossibilitado de arcar com os seus próprios custos, e muito menos de aportar recursos substanciais à ABIA. Diante dessa realidade política e financeira, a ABIA decidiu, em 1994, que era chegado o momento de finalizar o projeto.

OUTRAS ATIVIDADES DE PREVENÇÃO/EDUCAÇÃO

Em 1995, a ABIA foi convidada pela Televisão Educativa (TVE) para participar, quinzenalmente, de um programa jornalístico matinal, intitulado “É de Manhã”. Vale salientar que essa foi a primeira vez que uma ONG/AIDS recebeu um convite para participar regularmente de um programa de televisão de alcance nacional. A cada duas semanas, integrantes da ABIA respondiam, ao vivo, a perguntas sobre HIV/AIDS, formuladas pelos telespectadores, por telefone, e ajudavam a organizar entrevistas com pessoas que trabalhavam e/ou conviviam com HIV/AIDS. Ainda em 1995, a ABIA, em parceria com o Grupo Cultural AfroReggae, e com o apoio do Misereor, inaugurou a Barraca de Saúde para divulgar informações sobre a AIDS e promover a redução do risco do HIV entre os afro-brasileiros. Localizada na Lapa e aberta à noite, a Barraca de Saúde atraiu não só os afro-brasileiros mas também muitos *gays*, travestis e prostitutas que viviam nas redondezas ou participavam da vida noturna no bairro. E, de 1992 a 1995, a ABIA continuou a produzir diversos materiais educacionais que se destinavam a populações específicas. Esses materiais incluíam aqueles mencionados anteriormente, relacionados aos quatro grandes projetos, os vídeos *O dia da cura*, de 1992, baseado no livro homônimo de Betinho; *E por falar de vida*, de 1995, sobre viver com HIV/AIDS; *Entre quatro paredes: sexo mais seguro de acordo com essas mulheres*, de 1995, e *Cabaret prevenção: o vídeo*, de 1995, sobre a peça de teatro produzido pelo Projeto Homossexualidades; e os panfletos *Mulheres e AIDS* e *Pra começo de conversa*, ambos de 1994 e dirigido às mulheres; *Amigos, amigos, seringas à parte*, de 1994, dirigido aos usuários de drogas injetáveis; e *Sangue: direito à vida*, de 1994, sobre a transmissão do HIV através do sangue.



Material educativo dirigido aos usuários de drogas injetáveis *Amigos, amigos, seringas à parte.* ABIA, 1994.

PESQUISA, PUBLICAÇÕES E GERENCIAMENTO DA INFORMAÇÃO

Pesquisa

Durante a crise institucional vivenciada pela ABIA, que se estendeu do final de 1990 até a primeira metade de 1992, as suas atividades sistemáticas de pesquisa viram-se consideravelmente reduzidas. Quando Richard Parker passou a integrar a diretoria da ABIA, essa tendência se reverteu, e, de 1992 a 1995, a ABIA consolidou e diversificou as suas atividades de pesquisa, publicações e gerenciamento da informação. Tendo por base a história da ABIA com relação à pesquisa sobre HIV/AIDS – como, por exemplo, o pioneiro projeto “Impacto Social da AIDS no Brasil” – e a integração de Richard Parker às redes de pesquisa nacionais e internacionais, a instituição voltou a se firmar como ponto de referência da pesquisa sobre HIV/AIDS e da análise de políticas públicas no Brasil, posição que foi possibilitada em razão do elevado nível de treinamento e experiência em pesquisa de sua equipe.

A maior parte das atividades básicas de pesquisa da ABIA, nos meados da década de 90, encontrava-se integrada às suas iniciativas de prevenção e

educação de maior amplitude. Por exemplo, como parte do Projeto Homossexualidades, mais de 600 homens, em diversos bairros, responderam, ao longo do projeto, a questionários detalhados sobre HIV/AIDS, comportamento sexual e os vários fatores ligados à exposição ao risco do HIV e à redução desse risco. Esses dados foram posteriormente utilizados em uma série de artigos sobre a AIDS, homossexualidade e intervenções em comunidades publicados pela equipe da ABIA. A integração das atividades de pesquisa e prevenção/educação estava também no cerne da metodologia do Projeto Escola e do Projeto Favela. No Projeto Escola, as atividades de pesquisa incluíam um estudo que identificava e avaliava os projetos sobre HIV/AIDS existentes no âmbito das escolas, um teste sobre o manual produzido pelo projeto, *Um jogo pela vida* foi feito com 369 alunos de escolas públicas do Rio de Janeiro, e um questionário submetido a 602 alunos nas quatro cidades envolvidas no projeto; o Projeto Favela compreendia diversos estudos de pesquisas relativas ao conhecimento e práticas relativas ao HIV/AIDS nos bairros.

Seminários, treinamentos, grupos de trabalho e conferências

Em complementação às atividades básicas de pesquisa da ABIA, nos meados da década de 90, organizaram-se vários seminários, treinamentos e grupos de trabalho coordenados pela ABIA e diversos parceiros, que reuniram pesquisadores, formuladores de políticas, representantes de ONGs/AIDS e pessoas que vivem com HIV/AIDS, para a discussão de questões específicas vinculadas à epidemia. O primeiro desses seminários sistemáticos de pesquisa foi realizado no âmbito do projeto “AIDS, Saúde Reprodutiva e Políticas Públicas”. Financiado pela Fundação Ford, e desenvolvido em colaboração com várias organizações do movimento feminista no Rio de Janeiro e em São Paulo, o projeto realizou dois treinamentos em 1993, seguidos de dois seminários em 1994. A ABIA, em 1995, continuou a explorar as questões levantadas nesses treinamentos e seminários, através de seu projeto “Saúde Reprodutiva em Tempos de AIDS”, que também obteve financiamento da Fundação Ford e envolveu um grupo de trabalho que se reuniu uma vez por mês. Outros seminários importantes, organizados total ou parcialmente pela ABIA foram: “Epidemiologia Social da AIDS”, em parceria com o IMS/UERJ (1994); “Impacto Sócio-Econômico da Epidemia de HIV/AIDS”, com o IMS/UERJ (1994); “Políticas Públicas de Saúde

Relacionadas à AIDS”, com o IMS/UERJ e o Instituto de Saúde/Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo (1994); “Orçamento e Saúde” (1993); “Primeiro Seminário Nacional de Prevenção da AIDS”, com a Central Única dos Trabalhadores/CUT (1993).

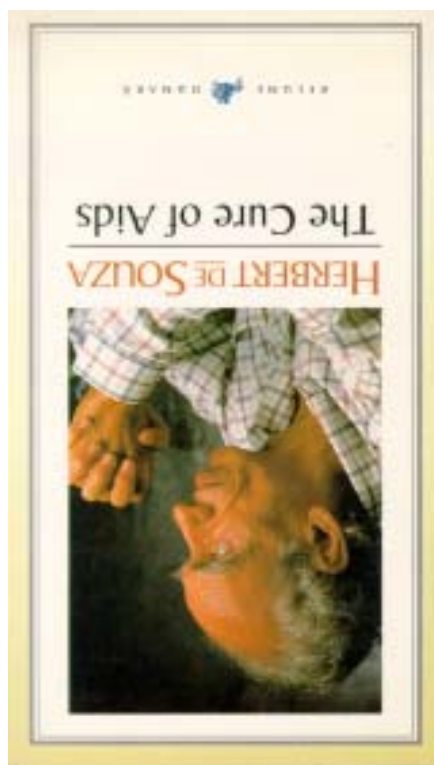
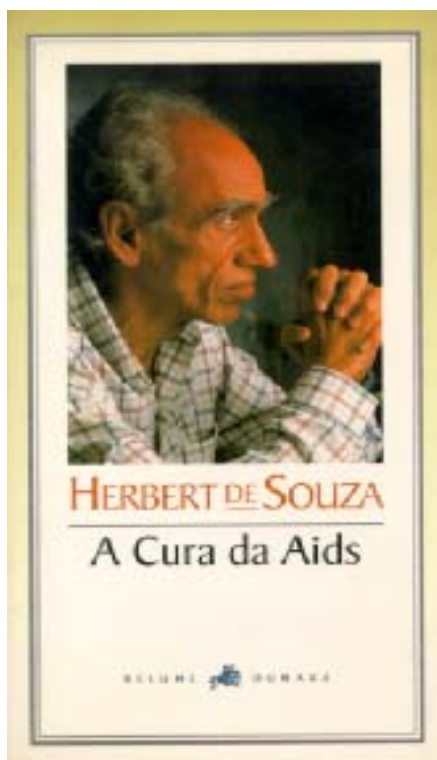
Esses seminários não somente estimularam a discussão profunda e sistemática das questões relacionadas ao HIV/AIDS, como também permitiram que pesquisadores desenvolvessem agendas de pesquisas relacionadas ao HIV/AIDS que, de outra forma, não teriam como ser efetuadas, dada a relativa marginalização de assuntos relacionados ao HIV/AIDS por parte da maioria das instituições de pesquisa brasileiras. E, no decorrer da primeira metade da década de 90, a ABIA continuou a desempenhar importante papel na organização e/ou participação no Encontro Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (de 1991 a 1995, juntamente com o Grupo Pela VIDDA/RJ), e nos Encontros Nacionais de ONGs/AIDS (em 1989 e 1994, como membro do comitê organizador, e, a partir de 1995, como participante).

Publicações

A ABIA seguiu publicando o *Boletim ABLA* e o *Ação Anti-AIDS*. Um terceiro boletim, *Informe ABLA*, foi criado em 1993. O *Informe ABLA*, de uma página – entre dez e vinte edições anuais de, aproximadamente, 1.000 exemplares cada –, era publicado sempre que surgisse uma questão política relevante vinculada ao HIV/AIDS e procurava resumir o problema específico em questão e sugerir possíveis ações a serem tomadas como resposta a esse problema.

Uma das mudanças mais significativas na ABIA, após 1992, foi a notável expansão do número de seus livros e publicações. Esse crescimento e a sistematização da publicação de livros da ABIA são claramente representados pela série *História Social da AIDS*, que tomou como modelo a série *Aspectos Sociais da AIDS*, do Reino Unido, e passou a oferecer livros atualizados, acessíveis e de alta qualidade sobre HIV/AIDS. Juntamente com o IMS/UERJ e a editora Relume-Dumará, e com um substancial financiamento da EZE, os livros da série *História Social da AIDS*, com tiragens de 2.000 a 3.000 exemplares, tornaram-se pontos de referência fundamentais para pesquisadores e formuladores de políticas em assuntos relacionados a HIV/AIDS no Brasil.

De 1993 a 1996, a série publicou cinco livros: uma tradução para o português de *A AIDS no mundo*, organizado por Jonathan Mann, Daniel Tarantola e Thomas Netter (1993); *A AIDS no Brasil*, organizado por Richard Parker, Cristiana Bastos, Jane Galvão e José Stalin Pedrosa (1994); *A construção da solidariedade*, de Richard Parker (1994); *As ciências da AIDS e a AIDS das ciências*, de Kenneth Rochel de Camargo Jr. (1994); e uma tradução para o português de *Poder e comunidade: respostas organizacionais e culturais à AIDS*, de Dennis Altman (1995). Outros livros publicados pela ABIA nesse período são: *Um jogo pela vida*, de Bia Salgueiro e Cláudio Mesquita (1992), dirigido a adolescentes, discutindo temas relacionados a sexualidade, transmissão de HIV, redução dos riscos e solidariedade; uma tradução para o português de *Tripla ameaça: as mulheres e a AIDS*, tradução adaptada de um relatório produzido pelo Instituto Panos de Londres (1993); uma edição bilingue de *A cura da AIDS/The cure of AIDS*, de Betinho (1994); uma nova edição de *Vida antes da morte/Life before death*, de Herbert Daniel (1994); e os anais de vários seminários realizados.



Gerenciamento da Informação (Centro de Documentação e Recursos)

As atividades de pesquisa da ABIA, no período de 1992 a 1995, foram complementadas pela contínua organização e expansão do seu Centro de Documentação e Recursos. Embora a idéia de criar um centro de informações constituísse um dos objetivos da ABIA desde o início, somente a partir da sua mudança para o Centro do Rio de Janeiro, ao final de 1992, é que este veio finalmente a se corporificar. As novas instalações continham espaço suficiente para abrigar o substancial material de arquivo da ABIA de forma sistemática, bem como um bairro mais acessível para aqueles que desejassem consultá-lo. Esse espaço mais amplo foi também utilizado para os vários treinamentos oferecidos pela ABIA. Reconhecendo as dificuldades administrativas envolvidas, dado o crescente número de informações diárias sobre HIV/AIDS, a ABIA decidiu limitar, como principal objetivo do Centro, a manutenção dos seus arquivos, distribuição de materiais e modernização de seus sistemas de informação. A possibilidade de aprimorar e democratizar a divulgação da informação foi impulsionada em 1995, quando a ABIA, com financiamentos da Fundação MacArthur e da EZE, criou uma *homepage* na Internet <www.alternex.com.br/~abia>, que entrou em funcionamento a partir de 1996 e uma base de dados relacionando todos aqueles que recebiam suas informações.

ARTICULAÇÕES INTERNACIONAIS

Com a integração de Richard Parker e Jane Galvão à equipe de liderança, a ABIA se viu apta para atuar junto às suas muitas conexões internacionais e a participar ativamente de muitos dos principais foros internacionais relacionados ao HIV/AIDS, nos meados da década de 90. As atividades internacionais da ABIA e de sua equipe compreendiam reuniões preparatórias e grupos de trabalho (como a Reunião Preparatória para a Conferência dos Ministros da Saúde Ibero-Americanos, em 1993; a oficina de Planejamento Estratégico da OPAS para ONGs/AIDS, em Bogotá, em 1995; a oficina do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas sobre Questões Legais e Éticas e Formação de Redes, em Nova York, em 1995; conferências (como a Conferência Internacional de AIDS de Yokohama, Japão, em 1994, na qual a ABIA contava com um estande para exposição de materiais; e a IV



A ABIA participa da Conferência Internacional de AIDS de Yokohama, Japão, 1994.

Conferência Conjunta Latino-Americana sobre AIDS/X Conferência Latino-Americana sobre DSTs, em Santiago, Chile, em 1995); foros políticos (o Encontro de Paris, em 1994); e programas de intercâmbio (visita de Veriano Terto Jr. a Cuba, em 1994, através do IMS/UERJ, com financiamentos da Fundação MacArthur). A ABIA também foi selecionada, em 1995, como representante alternativa da América Latina e Caribe junto ao UNAIDS/ Joint United Nations Programme on HIV/AIDS/Programme Coordinating Board; em 1996, a ABIA desligou-se dessa função, em virtude da falta de clareza do conselho de coordenação de programas quanto ao papel das ONGs/AIDS nesse conselho e de desentendimentos com o principal representante da América Latina. E, durante todo esse período, permaneceu como membro do LACCASO.

1996 – Até o Presente: Redefinição

A era de “grandes projetos” da ABIA durou até o final de 1995, com o encerramento simultâneo dos projetos Homossexualidades, Escola e Controle Regional da AIDS. Essa conclusão de diversos projetos de grande amplitude, que se estenderam por vários anos, coincidiu com uma significativa redução dos financiamentos para projetos vinculados ao HIV/AIDS por parte das agências de cooperação internacional. Tais mudanças nas possibilidades de obtenção de financiamentos fizeram com que a ABIA passasse a depender de um pequeno número de financiamentos bastante consideráveis, por parte de antigos financiadores (principalmente a Fundação MacArthur, a EZE e a Fundação Ford) para sustentar a sua infra-estrutura institucional, e de financiamentos de menor vulto obtidos de uma série de entidades – entre as quais SCIAF, Misereor, Oxfam – para cobrir os custos das suas várias publicações. Como no passado, mudanças acentuadas na flutuação das taxas de câmbio continuavam a complicar as operações cotidianas da ABIA e um planejamento financeiro de mais longo prazo – quando o dólar estava alto, a ABIA se via favorecida, porque recebia a maior parte dos financiamentos em dólares; quando estava baixo, sofria as conseqüências dessa situação.

Tendo de enfrentar essa perda de oportunidades de receber financiamentos e as incertezas da economia brasileira depois do Plano Real, a ABIA vinha,

gradualmente, desde 1996, reduzindo o seu orçamento (de mais de US\$ 1 milhão por ano, em 1994 e 1995, para, aproximadamente, US\$ 720 mil, em 1996, US\$ 858 mil, em 1997, e menos de US\$ 500 mil em 1998 e 1999), o quadro de funcionários (de mais de 30 em 1993 para cerca de uma dúzia no final da década de 90), e instalações físicas (em julho de 1997, a ABIA mudou-se de seu escritório de 400 metros quadrados na rua Sete de Setembro para um de 187 metros quadrados na Avenida Rio Branco, 43, também no Centro do Rio de Janeiro). No entanto, embora operando em escala menor, a ABIA continuava comprometida com a sua missão de desenvolver e disseminar intervenções sobre prevenção/educação, supervisão e análise de políticas públicas sobre HIV/AIDS e promover a pesquisa sobre questões relacionadas a HIV/AIDS. A sua capacidade de continuar mantendo um trabalho inovador e de alta qualidade, com um orçamento reduzido, foi facilitada pelo seu investimento em recursos humanos – por exemplo, tanto Veriano Terto Jr. como Jane Galvão obtiveram os seus respectivos graus de doutorado em Saúde Coletiva, ao final da década de 90, trabalhando em tempo integral na ABIA. Em resultado dessa diminuição, a ABIA já não mais se diferencia de outras ONGs/AIDS brasileiras em razão de seu porte – embora a continue como uma das ONGs/AIDS que recebem maior volume de financiamentos no Brasil –, mas sim graças à sua posição na articulação de informações e pesquisas sobre HIV/AIDS.

Em contraste com a primeira fase de crescimento e retração da ABIA do final da década de 80 e início da de 90, o enxugamento da equipe e reformulação do trabalho da instituição não chegou a produzir nenhuma crise institucional prolongada, e uma vez encerrados os projetos, a equipe que deles participava geralmente deixava a ABIA de forma amigável, em busca de outras oportunidades profissionais. Mais dolorosa para a ABIA – e para o Brasil – foi a morte de Betinho em agosto de 1997. Embora houvesse, há muito tempo, deixado de fazer parte das operações quotidianas do grupo, Betinho permanecera como Presidente da ABIA, fonte de inspiração espiritual e política, e principal referência pública. A sua morte veio trazer a necessidade de uma reestruturação do grupo de liderança da ABIA, sendo que a Vice-Presidenta Sonia Corrêa assumiu, interinamente, a presidência. Em 1998, realizaram-se eleições formais, e Richard Parker foi eleito Presidente, Sonia Corrêa, Vice-Presidente, Otávio Cruz Neto, Secretário-Geral, e José Loureiro, Tesoureiro, enquanto que muitos dos pesquisadores que haviam colaborado



com a ABIA, ao longo da década de 90, passaram a tomar parte de seu conselho diretor, que atualmente inclui Carlos Afonso, Elizabeth Moreira, Francisco Inácio Bastos, Jorge Beloqui, José Guedes, Kenneth Rochel de Camargo Jr., Leon Zonenschain, Maria Nakano, Maurício Lissovsky, Mauro Schechter, Nádía Rebouças, Paulo Buss, Regina Maria Barbosa e Sérgio Carrara.

MOBILIZAÇÃO POLÍTICA E POLÍTICAS PÚBLICAS

Como mencionado anteriormente, o horizonte das políticas relacionadas ao HIV/AIDS no Brasil modificou-se, fundamentalmente, no início da década de 90, com a volta de Lair Guerra à coordenação do Programa Nacional de AIDS e com a participação do governo federal como principal financiador de atividades vinculadas ao HIV/AIDS no Brasil, através da implementação do programa de AIDS do Banco Mundial. Em virtude de seu desentendimento com Lair Guerra e das críticas ao projeto do Banco Mundial, a ABIA permaneceu como voz dissidente, fora do âmbito da formulação de políticas para HIV/AIDS em nível federal, de 1992 a 1995. Essas relações distanciadas entre a ABIA e o Programa Nacional de AIDS modificaram-se radicalmente quando, em 1996, após Lair Guerra sofrer um grave acidente automobilístico, Pedro Chequer assumiu a coordenação do Programa Nacional de AIDS. A história do envolvimento de Chequer com uma política de esquerda e a sua ênfase na contratação de pessoal altamente sofisticado, técnica e politicamente, resultaram em um Programa Nacional de AIDS que compartilhava amplamente com a visão da ABIA, em relação à epidemia e às formas de combatê-la. Assim, a ABIA e o Programa Nacional de AIDS vêm desenvolvendo, desde 1996, uma relação de cooperação e se tornaram nitidamente mais aliados do que em qualquer outra época do passado – embora, sem dúvida, não sem as suas diferenças. Essa aliança fez com que a ABIA retornasse ao seu papel fundamental no âmbito da formulação e acompanhamento de políticas para HIV/AIDS em relação ao governo federal.

Em termos de articulações nacionais, a ABIA vem seguindo o caminho traçado em meados da década de 90, atuando como integrante e participante ativo – porém não como liderança formal, organizadora ou representante – de diversas organizações nacionais, tais como a Comissão de Cidadania e Reprodução (CCR), desde 1995; a Associação Brasileira de ONGs (ABONG),

desde 1996; a Rede Brasil sobre Instituições Financeiras Multilaterais, desde 1997; e a Rede Nacional de Pessoas Vivendo com HIV/AIDS (RNP+), desde 1997. A ABIA assumiu um papel de liderança nas políticas locais relacionadas ao HIV/AIDS, através do Fórum de ONGs/AIDS do Estado do Rio de Janeiro, que, em 1997, ajudou a estabelecer, e de cujo Conselho Diretor participou de 1997 a 1998.

Por conta do seu acompanhamento dos investimentos do Banco Mundial no controle da AIDS no Brasil, a ABIA integra a Rede Brasil sobre Instituições Financeiras Multilaterais desde sua fundação em 1995. A Rede Brasil reúne atualmente 59 organizações da sociedade civil com o objetivo comum de acompanhar e intervir em questões relativas às ações das Instituições Financeiras Multilaterais (IFMs) no Brasil, como o Grupo Banco Mundial, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Na Assembléia Geral da Rede Brasil em 1998 a ABIA foi eleita para integrar a Coordenação da Rede Brasil, e reeleita na Assembléia Geral realizada em 2000.

INICIATIVAS DE PREVENÇÃO

Projeto Arayê

A iniciativa mais ampla da ABIA em termos de projetos prevenção/educação, nos últimos anos, foi o “Programa de prevenção de HIV/AIDS para a comunidade afro-brasileira”, mais conhecido como Projeto Arayê, que contou com financiamentos da Fundação MacArthur, que combinou educação/prevenção, estímulo à conscientização e desenvolvimento de parcerias e solidariedade com comunidades afro-brasileiras e organizações culturais. O programa foi lançado, oficialmente, em 9 de maio de 1996, quando o primeiro *Boletim Arayê* foi distribuído no bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, local original da Barraca de Saúde. O *Boletim Arayê*, com tiragem de 1.000 exemplares, passou, então, a ser distribuído, trimestralmente, à comunidade afro-brasileira. Outras atividades desenvolvidas pelo projeto compreenderam a organização de três seminários nacionais sobre a comunidade afro-brasileira e a epidemia de HIV/AIDS – ocorridos em 1996, 1997 e 1998 –, um programa de treinamento de agentes de saúde comunitários para jovens, visitas dos agentes de saúde para jovens já treinados a escolas públicas municipais



Em 1994 a ABIA lançava no Rio de Janeiro o vídeo *Formosa a Bondade* e o folheto *Cai Dentro*, destinados a jovens de várias idades. Com informações básicas sobre HIV/AIDS, esses materiais abordavam aspectos da cultura afro-brasileira através de imagens e símbolos do movimento funk. Passados dois anos, a ABIA reinicia sua trajetória, ampliando suas perspectivas de atuação através do *Projeto Arayê*, dedicado à prevenção do HIV junto às comunidades afro-brasileiras.

Segundo a linguagem de nossos ancestrais, *arayê* significa povo ou corpo da terra - expressão que nos pareceu perfeita para trabalhar a promoção da saúde e da auto-estima junto ao povo negro. Nosso objetivo é transformar os momentos de tédio, dor e perdas da AIDS num tempo de esperança, possibilidades e conquistas.

O projeto, inicialmente, promoverá visitas regulares a terreiros, blocos afro, alfinês, escolas de

samba, grupos de capoeira e funk, visando levar informações e material educativo sobre HIV/AIDS, como o cartaz que está sendo elaborado especialmente para jovens negros.

Também será realizado, no segundo semestre, um seminário reunindo especialistas para discutirem questões específicas da epidemia em relação ao mundo afro-brasileiro. Além disso, já iniciamos a criação de uma rede de lideranças comunitárias negras para a elaboração de estratégias de controle de HIV/AIDS e para solidariedade às pessoas soropositivas.

Com colaboradores de diferentes áreas da cultura afro-brasileira no Rio de Janeiro e um conselho consultivo formado por expoentes da comunidade negra, o *Projeto Arayê* quer manter diálogos constantes com variados segmentos sociais. Através da primeira edição de seu boletim, pede licença para chegar e ser par nessa luta contra a epidemia de HIV/AIDS. Axé pra todos nós.

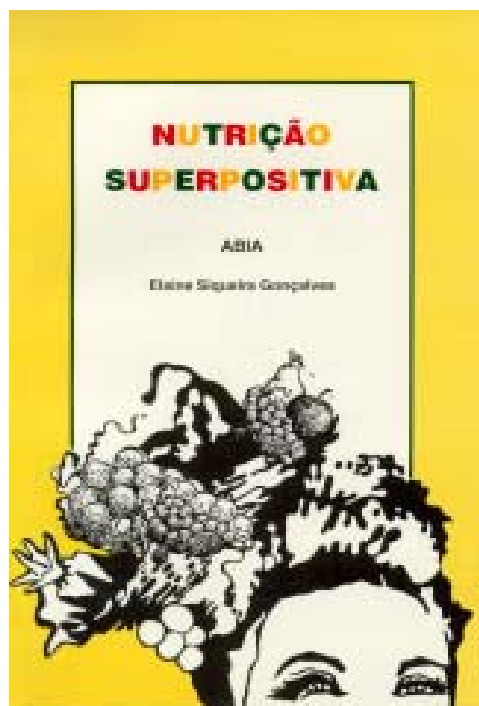
e estaduais no Rio de Janeiro, reuniões na ABIA com líderes da comunidade afro-brasileira e líderes culturais, intercâmbio com entidades negras de diversas regiões do país, a contínua operação da Barraca de Saúde (que distribuía preservativos e material educacional sobre HIV/AIDS), e a produção de materiais, como os pôsteres do Dia Mundial da AIDS, dirigidos a jovens negros (1996) e às mulheres negras (1998).

Projeto “Métodos de Prevenção Controlados pela Mulher”

Em 1999, com financiamentos das Fundações MacArthur e Ford, a ABIA deu início a um importante projeto que girava em torno de métodos de prevenção contra a infecção pelo HIV controlados pela mulher. Enquanto que uma série de desenvolvimentos tecnológicos visando garantir a prevenção contra o HIV/AIDS, como o desenvolvimento da pesquisa de vacinas, recebia considerável atenção no Brasil, apesar da crescente disseminação da epidemia brasileira de AIDS entre as mulheres, pouquíssima atenção fora dada, anteriormente, ao desenvolvimento de outros métodos de prevenção, além do preservativo masculino, que pudessem ser mais facilmente controlados pelas próprias mulheres, reduzindo dessa maneira a sua relativa desvantagem quanto à possibilidade de se defenderem, diante da sabida desigualdade de poder entre os sexos típica da sociedade brasileira. Esse novo projeto busca reagir à ausência de atenção para métodos que as mulheres possam utilizar mais facilmente, combinando uma relação de pesquisas atualizadas sobre métodos controlados pela mulher, divulgação de informações relativas aos métodos já disponíveis (tais como o preservativo feminino), bem como àqueles ainda em fase de testes (como os microbicidas), articulação entre representantes de movimentos sociais variados (os movimentos feministas e de saúde das mulheres, bem como o movimento de combate ao HIV/AIDS), e com base nessas atividades, a luta existente a favor da adoção e distribuição de um leque mais amplo de alternativas e estratégias de prevenção que podem ser mais facilmente iniciadas e controladas pelas mulheres, e que irão de modo mais eficiente ao encontro de suas necessidades relativas à saúde reprodutiva e à prevenção do HIV/AIDS.

Outros Materiais sobre Prevenção/Educação

A ABIA desenvolveu, a partir de 1996, uma ampla variedade de publicações, entre pequenos livros e panfletos informativos. Três delas, de grande impacto, e dirigidas a pessoas soropositivas, foram especialmente bem recebidas: *Nutrição superpositiva*, de 1997, com três edições de 2.000 exemplares cada; *Mulheres positivas*: um guia de sintomas e tratamentos para mulheres vivendo com HIV/AIDS, de 1996, com duas edições de 3.000 exemplares cada; e uma tradução de artigos extraídos de uma publicação do grupo norte-americano Gay Men's Health Crisis (GMHC) *Coleção ABLA: Série tra-*



tamentos”, de 1996. Entre outros materiais informativos produzidos nesse período, encontram-se: o cartaz *AIDS e os direitos humanos: levante essa bandeira*, de 1996, com 20.000 exemplares; o manual *AIDS e educação: um convite à prevenção*, de 1996, sobre as experiências do Projeto Escola; o folheto *Barraca da Saúde*, de 1998, em colaboração com o Grupo Cultural Afro-Reggae, dirigido à comunidade afro-brasileira; novas edições do folheto *Amigos, amigos, seringas à parte*, voltado para os usuários de drogas injetáveis, da cartilha *Para início de conversa*, dirigido às mulheres, e do

tablóide *O que é AIDS?*, voltado para a população em geral, com recursos da SCIAF.

PESQUISA, PUBLICAÇÕES E GERENCIAMENTO DA INFORMAÇÃO

Pesquisa

Ao final da década de 90, a ABIA começou a sistematizar a sua pesquisa sobre políticas públicas relacionadas ao HIV/AIDS, principalmente através de seu projeto “Políticas sociais, modelos de desenvolvimento e saúde internacional: uma avaliação do desenvolvimento dos programas e políticas de prevenção e controle do HIV/AIDS”, com financiamento da Fundação Ford. Esse projeto multifacetado compreendia um seminário sobre AIDS e políticas de saúde e a coordenação, por parte da ABIA, do trabalho realizado por uma série de respeitados pesquisadores – Francisco Inácio Bastos, Kenneth Rochel Camargo, Jr., Miguel Fontes, Miriam Ventura, Simone Grilo Diniz e Wilza Villela – sobre determinadas questões envolvendo políticas para HIV/AIDS: pesquisa sobre HIV/AIDS no Brasil, políticas públicas e prevenção de HIV/AIDS, a relação entre as políticas nacionais e internacionais de com-

bate à AIDS, direitos humanos e AIDS, e a relação entre DST/AIDS e os programas de saúde reprodutiva. Dessa maneira, a ABIA estimulou a formação de redes contínuas, para facilitar a pesquisa aplicada sobre HIV/AIDS, e ajudou a moldar o desenvolvimento de programas e políticas mais eficientes em relação ao HIV/AIDS. Os resultados desse estudo foram publicados, em 1999, pela ABIA e a Editora 34, no livro *Saúde, desenvolvimento e política*, organizado por Richard Parker, Jane Galvão e Marcelo Secron Bessa.



No final dos anos 90, a equipe da ABIA também participou de três outros projetos de pesquisa que resultaram em importantes publicações. Primeiramente, a ABIA facilitou a implantação de um projeto de pesquisa, financiado pelo LACCASO, que examinava estudos de caso sobre políticas públicas relacionadas a HIV/AIDS na América Latina e Caribe, através da contratação de Ruben Mattos, pesquisador do IMS/UERJ, a fim de que ele elaborasse a seção “O Impacto das Políticas Públicas para HIV/AIDS no Brasil” desse projeto. Além disso, Francisco Inácio Bastos, membro do Conselho da ABIA, trabalhou com a ABONG, escrevendo um capítulo sobre questões relativas ao HIV/AIDS e o trabalho desenvolvido pela ABIA, para um projeto financiado por aquela associação, denominado “Impacto social do trabalho das ONGs no Brasil”. Finalmente, como consequência, em grande parte, da vasta experiência da ABIA na análise, documentação e publicação de políticas, Richard Parker foi contactado, em 1999, por Pedro Chequer, do Programa Nacional de AIDS em Brasília, acerca da possibilidade de vir a coordenar um processo de documentação e divulgação da resposta brasileira à AIDS, como parte da série de publicações intituladas *Experiências Exemplares* editadas pelo Joint United Nations Programme on AIDS (UNAIDS). No segundo semestre de 1999, através de financiamento do UNAIDS, a equipe da ABIA se uniu à do Programa Nacional de AIDS e a um grupo de 10

consultores especiais para apresentar uma visão abrangente de programas exemplares desenvolvidos pelo governo e a sociedade civil no Brasil, a ser publicada em português, espanhol, francês e inglês como parte de um processo mais amplo de intercâmbio global, baseado no aprendizado de mais de 15 anos de respostas à epidemia de HIV/AIDS no Brasil.

Seminários e treinamentos

No final da década de 90, a ABIA dava seguimento à sua tradição de organizar seminários e treinamentos, reunindo pesquisadores, formuladores de políticas, representantes de ONGs/AIDS e pessoas com HIV/AIDS para discutir questões urgentes ligadas à epidemia. Além dos seminários “A Comunidade Nacional Afro-Brasileira e a Epidemia de HIV/AIDS” e “AIDS e Saúde Pública”, mencionados anteriormente, a ABIA organizou “Saúde Reprodutiva em Tempos de AIDS”, de 1996, financiado pela Fundação Ford, reunindo especialistas de várias instituições nacionais; “HIV/AIDS: Assistência e Tratamento”, de 1996, financiado pela EZE, reunindo 80 representantes de ONGs/AIDS; “Reconcebendo a Sexualidade: Perspectivas Internacionais sobre Sexo, Sexualidade e Saúde Sexual”, em parceria com o IMS/UERJ e financiado pela Fundação Ford e a Fundação MacArthur; e “AIDS e as Políticas de Saúde”, de 1998, financiado pela EZE e pela Fundação Ford.

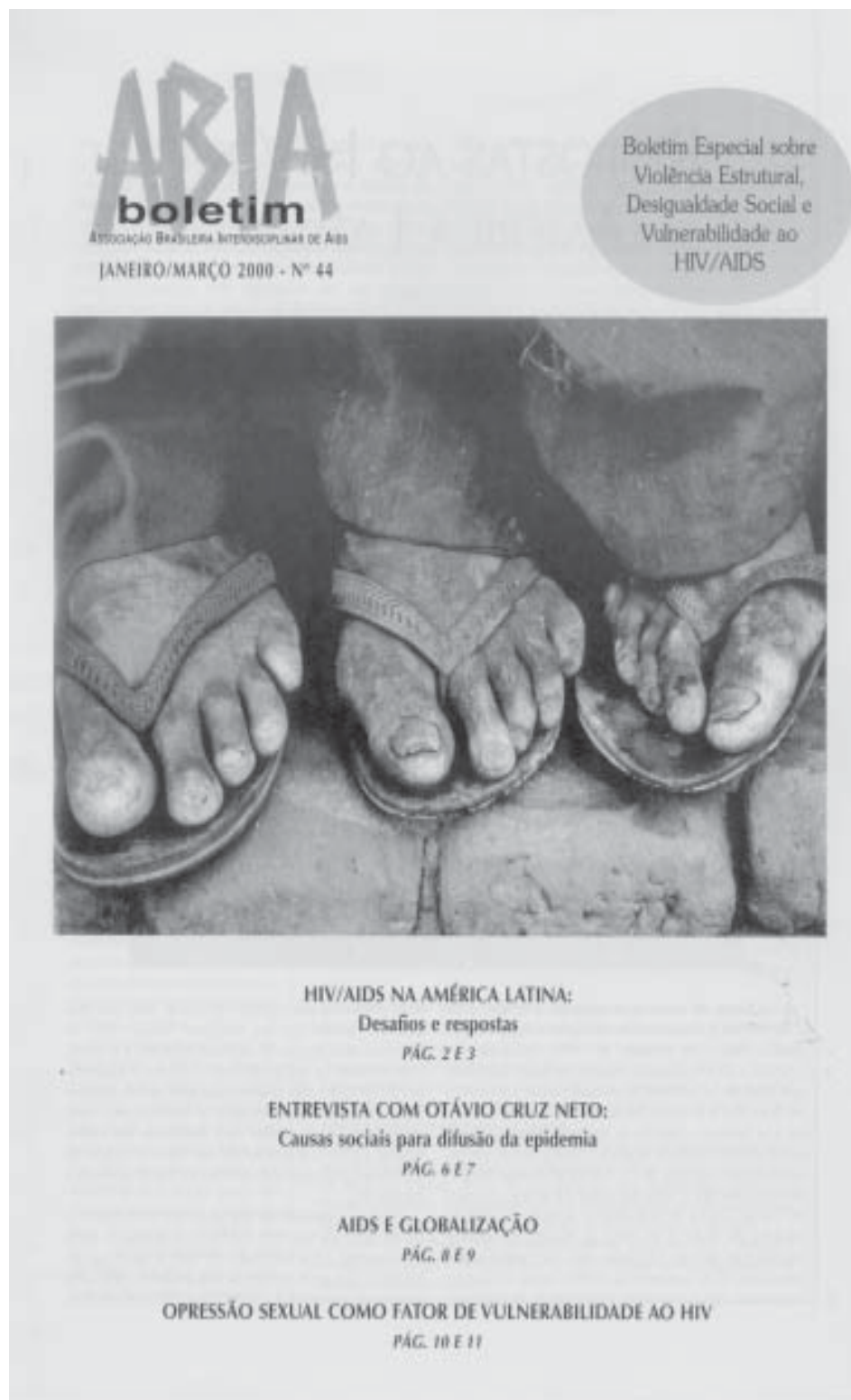
Além desses seminários envolvendo assuntos específicos, a ABIA investiu pesadamente, ao longo de todo esse período, em programas de treinamento e intercâmbio com outras ONGs. Com o rápido crescimento do número e do porte das ONGs/AIDS no Brasil, como consequência da implementação do projeto do Banco Mundial, tornou-se evidente a necessidade sem precedentes de apoio técnico e intercâmbio entre essas organizações. Valendo-se de sua vasta experiência e procurando desenvolver discussões profundas com outras organizações voltadas para a AIDS, a ABIA, de 1996 a 1998, com financiamento obtido através da BILANCE (anteriormente chamada CEBEMO), uma agência filantrópica holandesa, desenvolveu um programa sistemático de treinamento para ONGs/AIDS. Como parte desse projeto, a ABIA organizou e custeou todas as despesas pertinentes a vários treinamentos de uma semana de duração, os quais reuniram dezenas de representantes de ONGs/AIDS de diferentes portes, especialidades e regiões, para que passassem uma semana no Rio de Janeiro. Esses treinamentos se faziam

Da esquerda para direita - Cristina Pimenta, Tim Frasca, Mary Jane Spink, Kenneth Camargo e Richard Parker (atual Presidente da ABIA) no seminário “Violência estrutural, desigualdade social e vulnerabilidade frente ao HIV/AIDS na América Latina” organizado pela ABIA. Rio de Janeiro, abril de 2000.



basicamente através de oficinas que tratavam das várias questões de cunho administrativo, técnico e político com que as ONGs voltadas para o HIV/AIDS se defrontavam. Além disso, vários representantes de ONGs eram também convidados para estagiar durante uma semana na ABIA, participando, assim, de um programa de intercâmbio mais intensivo e individualizado. Esses treinamentos individuais e de grupo alcançaram muito sucesso, não apenas em termos da troca de informações e experiências, mas também como meio de auxiliar a ABIA a livrar-se de seu estereótipo de organização elitista sem contato com a realidade vivida por outras organizações voltadas para problemas relativos ao HIV/AIDS.

Finalmente, no final de 1999, com recursos obtidos através de financiamento da Fundação Ford, a ABIA deu início a um novo projeto, sobre o tema central de “Violência estrutural, desigualdade social e vulnerabilidade ao HIV/AIDS na América Latina”. Através da organização de uma série de seminários – e posterior publicação de material pertinente –, essa iniciativa regional procura estimular parcerias entre pesquisadores sociais e ativistas da América Latina, com o objetivo principal de reconceituar o HIV/AIDS menos como uma questão de risco individual, do que de vulnerabilidade social, estruturada sob uma variedade de formas diferentes

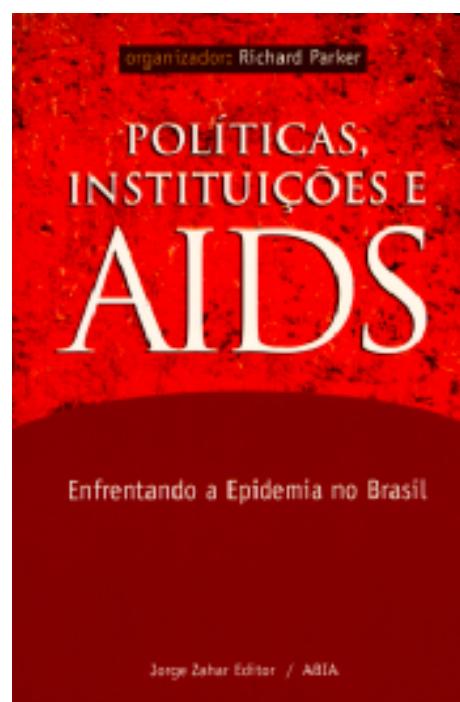


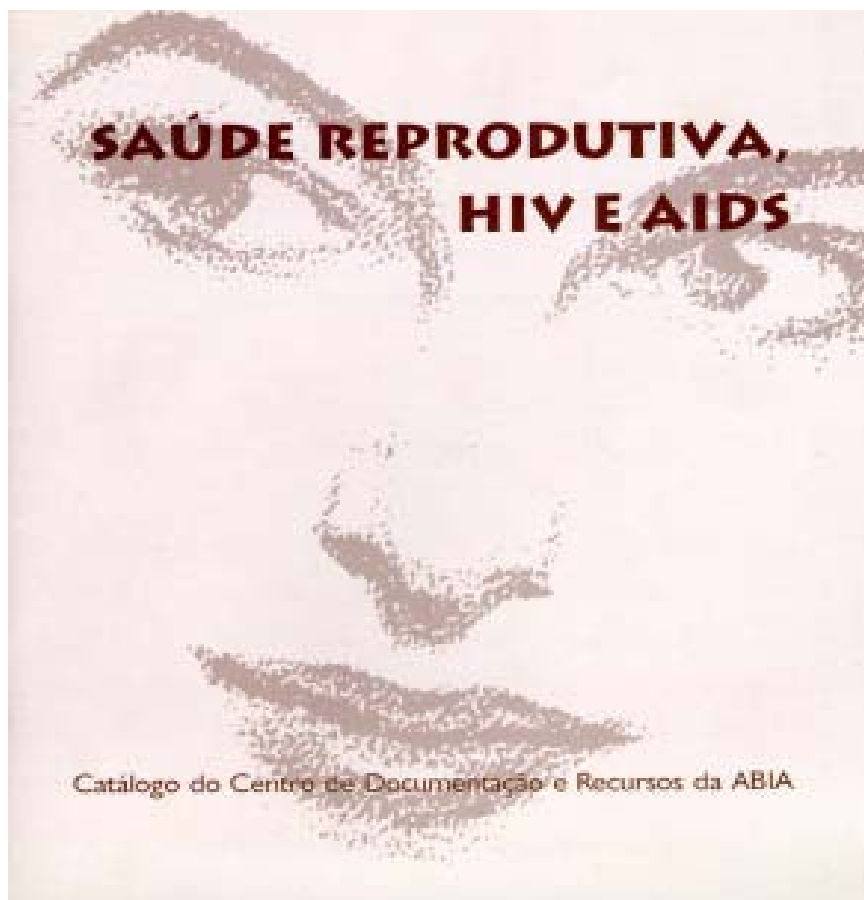
de desigualdades sociais e econômicas características dos países da região.

Publicações

Paralelamente às atividades de pesquisa da ABIA, no final dos anos 90 também a expansão do número e variedade de suas publicações. A ABIA continuou a editar o *Boletim ABLA*, o *Ação Anti-AIDS*, e o *Informe ABLA*, aos quais somou-se o *Boletim Arayê*, a partir de 1996.

Entre outros volumes publicados, em parceria ou não, de 1996 a 1999, citam-se: *Ruína e reconstrução: AIDS e drogas injetáveis na cena contemporânea*, de Francisco Inácio Bastos (1996); *Quebrando o silêncio: mulheres e AIDS no Brasil*, organizado por Richard Parker e Jane Galvão (1996); *Sexualidades brasileiras*, organizado por Richard Parker e Regina Barbosa (1996), em parceria com o IMS/UERJ e a Editora Relume-Dumará; *Política, instituições e AIDS*, organizado por Richard Parker (1997), com a Jorge Zahar Editora; *Cabaret prevenção*, de Vagner de Almeida (1997); *Entre homens: homossexualidade e AIDS no Brasil*, organizado por Richard Parker e Veriano Terto, Jr. (1997); e *Saúde, desenvolvimento e política*, organizado por Richard Parker, Jane Galvão e Marcelo Secron Bessa (1999).





Entre as publicações menos volumosas desse período, temos: *II Seminário Saúde Reprodutiva em Tempos de AIDS* (1997); *Treinamento: temas para discussão* (1998), *Acesso ao tratamento de HIV/AIDS: questões políticas e econômicas*, de Jorge Beloqui (1998), em parceria com o GIV; e uma tradução para o português de *Perspectivas de ONGs sobre acesso a medicamentos para HIV em 13 países latino americanos e do Caribe* (1998), em parceria com o UNAIDS. Finalmente, nesse período a ABIA lançou também seis catálogos, relacionando materiais e organizações vinculadas ao HIV/AIDS: *Catálogo de livros/ABIA* (com três edições: 1996, 1997 e 1998), *Catálogo de vídeos/ABIA* (com três edições: 1996, 1997 e 1998); *AIDS: catálogo de financiadores* (1996); *Organizações comunitárias com centros de documentação sobre HIV/AIDS* (1998); *Catálogo de entidades civis com atividades em HIV/AIDS* (com três edições: 1996, 1997 e 1998); e *Saúde reprodutiva, HIV e AIDS: catálogo do centro de documentação e recursos da ABIA* (1997).

Gerenciamento da Informação

Com início das atividades em 1991, o Centro de Documentação e Recursos da ABIA (CEDOC) tem o objetivo de fornecer para a sociedade brasileira uma fonte estratégica de dados e informações relacionados à epidemia de HIV/AIDS. O CEDOC continua sendo um dos maiores e mais utilizados centros de informações sobre HIV/AIDS no Brasil, tornando o seu espaço não somente um local de acumulação, mas também de produção e disseminação do conhecimento. Desde a sua criação, apresenta-se como uma importante interface da ABIA com a comunidade, contando com formas de atendimento que vão da visita à sede até contatos por telefone, *e-mail*, fax e correio.

O CEDOC vem se destacando na organização de seus materiais, procurando ser dinâmico no sentido de sempre oferecer o maior número possível de informações, identificando demandas, interesses e necessidades da comunidade. Todas as atividades são supervisionadas por uma bibliotecária, com a participação de estagiárias.

Em 2000, o Centro de Documentação já continha mais de 5.000 volumes (dos quais cerca de 2.600 já fazem parte da sua base de dados eletrônica), 700 periódicos, 220 vídeos, 700 pôsters, 3000 panfletos, e milhares de recortes de jornais e revistas (dos quais cerca de 3.600 do período de 1982 a 1991 foram microfilmados). Depois de nove anos de funcionamento podemos dizer que os materiais armazenados no CEDOC já constituem uma parte considerável da memória social da AIDS e das respostas à epidemia.

Com o interesse de investir cada vez mais na disponibilidade da informação, a ABIA mantém um sítio na Internet <<http://www.abiaids.org.br>>, que apresenta dados gerais sobre a epidemia no país, assim como das atividades em resposta a ela que vêm sendo desenvolvidas pelos diversos setores da sociedade. A página da ABIA recebe mais de 1.100 visitas por mês.





ARTICULAÇÕES INTERNACIONAIS

A ABIA segue bem integrada às redes internacionais de pesquisa e políticas voltadas para a AIDS neste final da década de 90. Como exemplos dessas articulações internacionais, temos a sua participação no International Advisory Committee and Scholarship Working Group for the 1996 XI International Conference on AIDS, em Vancouver, a sua continuada posição como membro do LACCASO e a participação de sua equipe no UNAIDS Consultation Meeting on Prevention among Men Who Have Sex with Men (1997, Bogotá, Colômbia), participação no Treatment Advocates and AIDS Vaccine Advocates Forum (1997, San Diego), na VI Latin American AIDS and XI Pan-American STD/AIDS Conferences (1997, Lima, Perú), na XII International Conference on AIDS (1998, Genebra, Suíça), e no comitê organizador da XIII International AIDS Conference (2000, Durban).

Na foto - à esquerda o Presidente da ABIA, Richard Parker, participa em plenária na XI International Conference on AIDS. Vancouver, 1996.

A ABIA presente na VI Conferência Latino-Americana de AIDS. Na foto - à esquerda, Veriano Terto Jr. (ABIA); à direita, Juan Jacobo Hernandez (Colectivo Sol, México) no estande da LACCASO. Perú - Lima, 1997.



RUMOS FUTUROS: A ABIA NO SÉCULO XXI

Há cerca de quinze anos, a ABIA vem alcançando seus principais objetivos: acompanhar e analisar as políticas públicas; produzir materiais e iniciativas educacionais; conduzir e patrocinar pesquisas; administrar e divulgar informações; e organizar, politicamente, o seu trabalho com base na solidariedade. Diante de uma epidemia dinâmica, a ABIA sempre lutou para desenvolver estratégias e programas que pudessem responder à realidade política, econômica e sociocultural de determinados momentos, e não há qualquer dúvida de que a ABIA continuará produzindo programas e materiais inovadores. Dadas as trajetórias incertas da disseminação do HIV/AIDS e da luta contra a epidemia, torna-se difícil saber exatamente como serão as atividades da ABIA nos próximos anos, na medida em que as respostas à epidemia continuam a exigir adaptações relativamente rápidas a conjunturas e circunstâncias em mutação. No entanto, se os últimos anos do século XX servem de indicação, existem diversas razões para acreditar que a ABIA atingiu um grau de estabilidade institucional, juntamente com experiência e reconhecimento técnico e político, que lhe permitirão adaptar-se com agilidade a tais circunstâncias, ao caminhar rumo ao século XXI.

Uma prioridade importante com vistas ao futuro será, sem dúvida, a capacidade da ABIA continuar renovando a sua própria equipe de liderança e de desenvolvimento de programas, incorporando uma nova geração de ativistas e membros dessa equipe. Uma prova importante da sua capacidade de realizar essas alterações ocorreu ao final da década de 90, por ocasião da saída de Jane Galvão, após cerca de seis anos como Coordenadora-Geral da ABIA, para assumir um posto de articulação junto a ONGs, no Programa Nacional de AIDS, em Brasília. Com a relativa tranquilidade que tem caracterizado as recentes mudanças de pessoal na ABIA, em contraste com as crises institucionais geradas pelas alterações de membros de seu quadro, ocorridas em meados da década de 90, o Conselho Diretor da ABIA nomeou como Coordenador-Geral Veriano Terto Jr., antigo membro da equipe, e deu início a um processo de reformulação e renovação de pessoal para a área de programas, através de recrutamento aberto – a primeira do tipo entre as ONGs/AIDS brasileiras – para novos coordenadores de projetos. Simultaneamente, a ABIA reafirmava as suas políticas básicas de investimento na capacitação e treinamento de pessoal, incorporando, em sua equipe, estudantes de pós-graduação em Saúde Coletiva e disciplinas correlatas.

Um dos passos mais significativos no processo de reformulação das atividades, foi a mudança da sede da instituição da Av. Rio Branco, 43, para o atual endereço da Rua da Candelária. O espaço anterior, apesar de ter significado uma economia de recursos, em um determinado momento, não permitia, devido à pequena área disponível, que a ABIA desenvolvesse atividades que em outros tempos, fizeram parte do cotidiano da instituição, como oficinas, atividades recreativas, debates, reuniões com os movimentos sociais, entre outras. A impossibilidade de tais atividades resultou em isolamento e distanciamento de questões mais cotidianas e imediatas da comunidade. O novo espaço, também situado em pleno Centro da cidade, é mais amplo e permitiu a retomada de projetos que prevêem atividades coletivas e maior interface com a comunidade, assim como um redimensionamento do Centro de Documentação, que se encontrava sem condições de expansão e de melhora no atendimento ao usuário.

Ao definir o seu programa de atividades para o período de 2000 a 2002, a ABIA reafirmou o seu comprometimento geral com uma série de áreas de trabalho básicas (Políticas, Educação e Prevenção, Tratamento e Assistência e Saúde e Direitos), bem como em relação às abordagens estratégicas fundamentais (Pesquisa, Democratização da Informação; Transformação de

Da esquerda para direita -
Sérgio da Conceição
Machado, Silvia Ramos,
Jane Galvão, Richard
Parker, Otávio Cruz Neto e
Veriano Terto Jr. na
inauguração da nova
sede da ABIA em
junho de 2000.



Foto: Vagner de Almeida

Conclusões de Pesquisas em Ações, e Articulação de Interfaces entre Movimentos Sociais e Parcerias Internacionais), que vieram a se tornar, com o tempo, preocupações primordiais da ABIA, assim como a continuidade de suas capacidades singulares, que continuam a estabelecer a estrutura básica do seu programa de atividades. Dentro dessas linhas gerais, no entanto, uma série de questões básicas foram identificadas como prioridades especiais. De acordo com a longa experiência de trabalho da ABIA abrangendo as dimensões sociais, políticas e econômicas da epidemia de HIV/AIDS no Brasil e no mundo, será dada ênfase especial a questões envolvendo violência estrutural, desigualdade social e econômica, e o impacto desses fatores sobre a vulnerabilidade ao HIV/AIDS – reconhecendo-se o papel importante das diversas formas de opressão e desigualdade na determinação do curso da epidemia tanto nacional como internacionalmente. Ainda de acordo com o histórico de atividades da ABIA, será considerado prioritário o trabalho voltado para as diversas dimensões da sexualidade, e da saúde e direitos sexuais/reprodutivos, quando da definição das atividades envolvendo programas – reconhecendo-se a impossibilidade de dar uma resposta ao HIV/AIDS sem tratar de assuntos mais amplos como a diversidade sexual e os direitos sexuais que a epidemia veio enfatizar. Além disso, também será prioritária uma ênfase

renovada nas questões de tratamento e ativismo envolvendo tratamento – reconhecendo-se as maneiras pelas quais as terapias combinadas alteraram, dramaticamente, tanto a qualidade de vida das pessoas vivendo com HIV/AIDS, levantando uma série de preocupações de ordem prática (dificuldades de adesão ao tratamento), bem como as questões políticas (o fornecimento ininterrupto de terapias combinadas pelo governo brasileiro, e a disponibilidade desses tratamentos para os países em desenvolvimento. E, finalmente, definiu-se a ênfase contínua no acompanhamento de políticas, e no seu debate, como sendo da maior importância para a missão fundamental da ABIA – reconhecendo-se o fato de haver sido construída de forma coletiva uma resposta em bases amplas, sob a forma de políticas, à epidemia de HIV/AIDS no Brasil, ao longo de cerca de duas décadas, embora a sociedade brasileira continue a enfrentar questões sérias e mal resolvidas, que apresentam desafios nada óbvios ou fáceis de superar, como a manutenção, no longo prazo, de respostas efetivas que poderão se seguir ao final do segundo empréstimo do Banco Mundial para a prevenção e o controle da AIDS no Brasil em 2002.

Se o futuro institucional da ABIA, juntamente com o seu programa de trabalho, parece mostrar-se seguro para os próximos dois ou três anos, torna-se, no entanto, mais difícil prever qual será o seu perfil daqui a cinco ou seis anos. Primeiramente, os financiamentos das agências de cooperação internacional voltadas para o HIV/AIDS continuam a se reduzir, fazendo com que se torne cada vez mais difícil para a ABIA manter-se, mesmo em sua atual estrutura mais restringida. E tampouco se tem conhecimento, conforme destacado no próprio programa de trabalho da ABIA, do que irá acontecer com o Programa Nacional de AIDS e, por extensão, com todo o universo das ONGs/AIDS no Brasil, uma vez terminado o segundo empréstimo do Banco Mundial. Por outro lado, o encerramento do programa do Banco Mundial poderá fazer com que várias organizações se vejam forçadas a encerrar as suas atividades. Entretanto, essa poderia também se transformar em uma causa em torno da qual as ONGs/AIDS se coligassem para lutar por um programa de combate à AIDS abrangente, custeado com recursos nacionais. Dada a sua vasta história de envolvimento na organização e análise política e de políticas envolvendo HIV/AIDS, não há dúvida de que a ABIA estará à frente, juntamente, com outros atores, do desenvolvimento e da articulação de respostas políticas a esses e outros desafios futuros.